



Ministério da Educação
Secretaria de Educação Básica - SEB
Diretoria de Apoio à Gestão Educacional - DAGE
Coordenação-Geral de Materiais Didáticos - CGMD
Programa Nacional do Livro e do Material Didático - PNLD

Ficha de Avaliação

PNLD EDUCAÇÃO INFANTIL – 2026 - 2029 - Educação Infantil - OBRAS LITERÁRIAS, OBRAS INFORMATIVAS, OBRAS DE APOIO PEDAGÓGICO

Código FNDE: 0423 P26 01 02 000 002

Categoria: Categoria 2 – Pré-escola - Obra Literária

Área do conhecimento: Nenhuma

Componente: Educação Infantil - Pré-Escola (4 a 5 anos)

Resultado: Reprovada

Blocos

- Bloco 1- Da qualidade literária do texto escrito
- Bloco 2- Da qualidade da ilustração
- Bloco 3- Da qualidade do tratamento dado ao tema
- Bloco 4 - Da qualidade do projeto gráfico - editorial
- Bloco 5 -. Da qualidade da versão da obra em HTML5
- Bloco 6 - Da observância da legislação brasileira
- BLOCO 7 - Das falhas pontuais
- BLOCO 9 - Parecer

Bloco 1- Da qualidade literária do texto escrito

1 - Da qualidade literária do texto escrito

1 - Da qualidade literária do texto escrito

1.1 A obra apresenta qualidade literária no modo como organiza o texto, os arranjos, os recursos linguísticos que dão acabamento estético aos enunciados, explorando com consistência as possibilidades composicionais do gênero literário proposto? (Anexo I, Itens 14.1a, 15.1c, 15.1b)

Parcialmente

Sim

Não

Não se aplica

Justificativa:

A obra apresenta qualidade literária no modo como organiza o texto, os arranjos e os recursos linguísticos que dão acabamento estético aos enunciados de modo parcial, explorando, de modo limitado, as possibilidades composicionais do gênero literário proposto. Trata-se de uma obra que apresenta um enredo previsível e uma relação intertextual explicitada desde o início: a narrativa se propõe a ser uma "releitura" indígena do conto de Chapeuzinho Vermelho, como se anuncia logo no início, quando a protagonista é apresentada: "A pequena kunha' i era chamada de Hague Punta, ou Pena Vermelha, como fora apelidada na escola pelas crianças não indígenas, tudo porque não tirava da cabeça a tiara que ganhara da sua avó. O enfeite era feito de penas da arara vermelha, ave que a menina considerava a mais bonita de todas." (p. 5) A seguir, o narrador anuncia a ação inicial, que, juntamente ao trecho anterior, explicita a relação intertextual direta com o conto de fadas: "Um dia, Para Mirim, mãe da pequena kunha'i, chamou-a e pediu que levasse para a avó adoentada um cesto com biju, tipá, milho, palmito, batata-doce e mandioca. A cunhatã logo se colocou em prontidão para ir." (p. 7). A narrativa que se apresenta a partir de então é extensa, com frases longas e vocabulário que procura mesclar termos e nomes indígenas à língua portuguesa, como se observa em: "Pena Vermelha sabia bem os perigos da mata e pretendia mesmo não sair da trilha... Mas sabia também que era difícil não se encantar com as yvity – isso é, as árvores –, as flores, as borboletas e tantos passarinhos que apareciam pelo caminho." (p. 10) ou ainda: "Certamente, o desmatamento promovido pelos juruá – pessoas não indígenas – e a destruição de partes da mata obrigava os animais a mudarem de hábitos, irem aonde não iam, em horas impróprias, para buscarem alimento e, às vezes, apenas encontrarem a morte." (p. 13). Nesses dois exemplos, destacam-se, além do vocabulário pouco adequado à faixa etária, os períodos longos, o que dificulta a fluência de leitura, prejudicando o entendimento do texto. Ainda nessa cena, quando a menina se encontra com a jaguatirica e a chama por "Nhanderu Tupã", não é claro a quem ela se refere (considerando que o leitor pretendido pela obra não compartilha, necessariamente, o mesmo repertório cultural das autoras e/ou pode não ter conhecimento ou ter poucas informações sobre entidades indígenas). Quanto ao vocabulário, nota-se também o uso de termos que podem oferecer dificuldade de entendimento, dado o registro mais formal e menos usual para a faixa etária pretendida, como se observa quando, ainda no encontro com a jaguatirica, o animal resolve não atacar a menina, procurando uma "presa mais robusta" (p. 14). Essa expressão pode não fazer sentido para o leitor pretendido pela obra. Além disso, pode-se considerar que há um excesso de informações e explicações, em linguagem que não se reveste de acabamento literário - ou seja, não se percebe uso produtivo de metáforas, jogos de linguagem ou outros recursos linguísticos que poderiam tornar a narrativa envolvente. Ao contrário, o que se percebe é um trabalho limitado, no que diz respeito ao uso de recursos e linguagem literária. Há o uso de metáforas complexas que exigem repertório interpretativo avançado por parte dos leitores, que podem dificultar ou até limitar a compreensão da obra, restringindo o potencial de fruição pelo público infantil. Isso pode ser notado quando o narrador diz que a jaguatirica desiste de atacar a menina, pois "farejou-lhe o coração puro" (p. 14). Em outro momento, o narrador explica: "(...) a destruição de partes da mata obrigava os animais a mudarem de hábitos, irem aonde não iam, em horas impróprias, para buscarem alimento e, às vezes, apenas encontrarem a morte." (p. 13). O uso da metáfora "encontrar a morte", bem como a expressão "horas impróprias" pode dificultar o entendimento e fruição do texto. Outras metáforas de difícil acesso ao público pretendido podem ser observadas nas expressões "palavras têm espírito" (p. 25) ou "Todos nós somos um" (p. 28). São construções que distanciam o texto das crianças por construírem imagens que, provavelmente, dialogam pouco com o universo infantil e se tornam exaustivas e distantes. Quanto à construção narrativa do gênero, a obra apresenta uma estrutura linear que segue uma sequência de eventos a partir do enredo da menina indígena que vai levar doces para sua avó, passando pela floresta e por seus perigos. A obra traz apresentação (p. 5), quando há a apresentação da menina e o porquê de ser chamada de Pena Vermelha; e se narra que ela vai levar doces para sua avó (p. 7); clímax – quando a menina se encontra com a jaguatirica (p. 14); e quando o barulho de um tiro "corta o silêncio" e a garota se encontra com o caçador (p. 17); e o desfecho – após convencer o caçador a parar de caçar e o homem entrega sua arma para o pajé (p. 42). Embora haja essa progressão narrativa, o tratamento literário é exíguo, deixando poucos espaços interpretativos e usando de poucos recursos de construção literária, pois, basicamente, o que se observa é o uso do diálogo. Além disso, a construção das personagens é bastante plana e previsível, reproduzindo uma estrutura simplista – a menina, como "Chapeuzinho vermelho" indígena; o caçador, a princípio, vilão, transformado em alguém consciente – e ancorado em clichês no que se refere à caracterização indígena, como se pode observar, por exemplo, em ilustrações (p. 12) ou no texto verbal, como no trecho: "A pequena kunha' i era chamada de Hague Punta, ou Pena Vermelha, como fora apelidada na escola pelas crianças não indígenas, tudo porque não tirava da cabeça a tiara que ganhara da sua avó." (p. 5); ou, ainda, na cena em que o pajé diz ao caçador: "— Todos trabalhamos. — apartou o pajé — Já estou velho e cansado, mas continuo cuidando das roças de milho, de mandioca... E cumprindo meu papel de pajé para meu povo guarani. Ganho o quê? As pessoas de fora, que me procuram para conselhos ou para remédios naturais, trazem alimentos ou uns trocados. Ganho o que podem oferecer. Um pescado, um naco de carne de anta, um palmito... E, a cada dia, ganho mais conhecimento." (p. 35). Nesse trecho, há um destaque negativo para uma postura pacífica dos indígenas e que pode ser considerada um clichê redutor sobre seu papel e suas atividades. Assim, o texto apresentado pela obra não consegue se aprofundar esteticamente, tampouco usar de modo produtivo recursos narrativos que poderiam enriquecer a proposta narrativa.

Ocorrências:

Volume	Arquivo	Descrição
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	5
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	7
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	10
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	14
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	13
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	25
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	28
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	17
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	42
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	35

1.2 A obra apresenta um grau de abertura que convida à apreciação estética e à participação criativa na leitura? (Anexo I, Item 15.1c)

Parcialmente Sim Não Não se aplica

Justificativa:

A obra não apresenta um grau de abertura que convida à apreciação estética e à participação criativa na leitura. A construção da obra, com excessivas descrições e explicitações, limita o exercício da imaginação, da construção de sentido e da participação ativa na leitura. Embora tenha protagonistas indígenas e trate de questões relacionadas à floresta (desmatamento, queimadas, caça, preservação), a abordagem e construção do enredo e dos demais elementos narrativos é feita de modo superficial, limitando a curiosidade e as possibilidades de fruição estética dos leitores. Em certo momento da narrativa, por exemplo, logo após Pena Vermelha, a protagonista, encontrar a jaguatirica, o narrador explica: "Pena Vermelha logo chamou por Nhanderu Tupã, pedindo ajuda. Não era normal aquele animal estar ali, naquela hora do dia. Certamente, o desmatamento promovido pelos juruá – pessoas não indígenas – e a destruição de partes da mata obrigava os animais a mudarem de hábitos, irem aonde não iam, em horas impróprias, para buscarem alimento e, às vezes, apenas encontrarem a morte." (p. 13). O excesso de explicações – acerca das mudanças ambientais e do comportamento do animal – limitam as possibilidades de leitura e o texto assume um caráter informativo e descritivo, com uso precário de elementos de literariedade. Além disso, nota-se um certo caráter didatizante no texto, que parece pretender "ensinar" e não convidar à fruição. Observa-se o mesmo esvaziamento do potencial literário, quando a garota leva o caçador para conhecer e conversar com os avós indígenas: "Pena Vermelha disse que seria preciso que todos fizessem um esforço para restaurar o equilíbrio. Era necessário parar o desmatamento, os incêndios provocados e a poluição dos rios. Algumas autoridades não indígenas precisariam fazer leis e outras criarem campanhas educativas. Seria necessária uma boa fiscalização também." (p. 28). Mais uma vez, o caráter proselitista supera a elaboração literária, direcionando o olhar do leitor e limitando as possibilidades de elaboração ficcional. Nota-se que os aspectos literários na obra se limitam ao uso simplista de elementos narrativos: narrador, enredo, personagens, cenário e tempo de modo limitado, sem elaboração suficiente para promover a abertura e o convite à construção de sentidos. Isso também é notável quando Pena Vermelha encontra o caçador e se apresenta, explicando que estava a caminho de visitar a avó e ele comenta: "— Hum... — pensou o caçador – Eu já conheço essa história: uma menina, uma fera, uma avó e um caçador – e riu consigo mesmo." (p. 20). A fala do caçador explicita a relação intertextual repetida desde o início, na apresentação da protagonista: "Um dia, Para Mirim, mãe da pequena kunhaï, chamou-a e pediu que levasse para a avó adoentada um cesto com biju, tipá, milho, palmito, batata-doce e mandioca." (p. 7); e no encaminhamento das ações para a construção do que seria a complicação do enredo: "Pena Vermelha sabia bem os perigos da mata e pretendia mesmo não sair da trilha... Mas sabia também que era difícil não se encantar com as yvity – isso é, as árvores –, as flores, as borboletas e tantos passarinhos que apareciam pelo caminho. E não deu outra: ao avistar um corupião a voar, tomou um atalho para o ver melhor. Viu-se, sim, inesperadamente, diante de uma jaguatirica faminta." (p. 10). A repetitiva referência ao conto de "Chapeuzinho vermelho" limita qualquer possibilidade de o texto surpreender o leitor, esvaziando espaços de suspense, dúvida ou de abertura para que o leitor pretendido construa suas hipóteses de construção de sentido. Percebe-se também que o tratamento dado à linguagem, com pouco ou nenhum uso de recursos linguísticos, também não permite que haja ampliação de sentidos. Na cena em que a avó da menina questiona o caçador sobre o que ele pensa quando está caçando, e ele responde: ter carne para se alimentar, vender a pele dos animais, juntar "um trocado para a mulher" e "tomar uns goles de aguardente na vendinha" (p. 30 – 31); além de haver linguagem e temáticas inapropriadas para a faixa etária (a normalização e banalização do consumo de bebida alcoólica), a interação entre a indígena e o homem repete clichês e apresenta superficialidade na caracterização de ambos, de modo que se limitam as possibilidades de interpretação e interação estética com o texto. Outro exemplo sobre o cerceamento de sentidos possíveis a partir do texto ocorre quando a menina explica que "todos precisam fazer um esforço para restaurar o equilíbrio da floresta" (p. 28); e destaca o desmatamento, a poluição dos rios, a necessidade de leis, campanhas e fiscalização, tudo em uma espécie de discurso pronto e que, embora destaque ideias válidas e urgentes sobre as temáticas da obra, não permite que haja espaços interpretativos ao leitor, já que a fala da garota apresenta uma interpretação rígida, fechada, de um único sentido e com as soluções já postas e determinadas para ajudar na preservação da floresta. Assim, devido a esse caráter didatizante e proselitista que se concretiza em personagens revestidos de caracterizações clichês, num exercício de intertextualidade exaustivamente mencionado pela obra, o texto não permite abertura nem incentiva apreciação estética dos elementos literários.

Ocorrências:

Volume	Arquivo	Descrição
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	13
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	28
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	20
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	7
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	10
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	30 - 31

1.3 A obra apresenta inventividade na criação de universos reais ou imaginários capazes de favorecer relações com as culturas infantis? (Anexo I, 15.1d)

Parcialmente

Sim

Não

Não se aplica

Justificativa:

A obra não apresenta inventividade na criação de universos reais ou imaginários capazes de favorecer relações com as culturas infantis. Observa-se, nesse texto, a construção simplista da narrativa: o narrador assume um tom professoral e usa termos de caráter informativo que destoam da ficcionalidade do gênero, além de haver uma apresentação estanque e que referencia a intertextualidade de modo explícito e limitador, desde o início da obra, como se percebe, por exemplo: "A pequena kunha' i era chamada de Hague Punta, ou Pena Vermelha, como fora apelidada na escola pelas crianças não indígenas, tudo porque não tirava da cabeça a tiara que ganhara da sua avó. O enfeite era feito de penas da arara vermelha, ave que a menina considerava a mais bonita de todas." (p. 5); e : "Um dia, Para Mirim, mãe da pequena kunha'i, chamou-a e pediu que levasse para a avó adoentada um cesto com biju, tipá, milho, palmito, batata-doce e mandioca. A cunhatã logo se colocou em prontidão para ir. As duas cantaram e rezaram para pedir a proteção de Nhanderu para a menina entrar na mata em segurança." (p. 7). A apresentação da menina como uma Chapeuzinho Vermelho indígena e a construção da cena inicial repetem versões mais conhecidas do conto de fadas, de modo que não parece haver espaço para inventividade na criação do universo ficcional. Embora haja inserção de elementos e personagens que se pretendam mais originais, como a jaguatirica em vez do logo da história-base (p. 10), essa reescrita cede ao tom informativo e proselitista que o texto assume em vários trechos – "Pena Vermelha logo chamou por Nhanderu Tupã, pedindo ajuda. Não era normal aquele animal estar ali, naquela hora do dia. Certamente, o desmatamento promovido pelos juruá – pessoas não indígenas – e a destruição de partes da mata obrigava os animais a mudarem de hábitos, irem aonde não iam, em horas impróprias, para buscarem alimento e, às vezes, apenas encontrarem a morte." (p. 13). A explicação limita espaços de interpretação, que poderiam fomentar movimentos imaginativos do leitor em interação com a obra. Outro exemplo desse caráter informativo que o texto assume, de modo que a elaboração literária fica em segundo plano, pode ser visto quando a menina comenta que seu povo, quando caça, faz isso para se alimentar e pede licença para "matar um irmão" e poupa as fêmeas, diferente do que faz o caçador (p. 19). Tal cena confirma o caráter didatizante assumido pelo texto da obra, dada a abordagem objetiva e professoral adotada pela personagem em seu discurso – o que também torna inverossímil a construção da protagonista. Também se nota a limitação da construção literária e dos espaços que favorecem a inventividade em cenas como: " – Que bom! Quero ser guerreira, explicou. Mas uma guerreira sem arma, guerreira Nhê'e, da palavra, quero defender a floresta. Palavras têm espírito! Elas têm força. Podem até curar. Mas você não entende. Você conhece a lei? Sabe que não pode entrar aqui na reserva sem permissão? E muito menos caçar aqui. Vamos conversar com meu tamõi, meu avô, ele é nosso xeramõi, ou, como vocês entendem, é o pajé e cacique do meu povo. E você também precisa conhecer minha jari. Ela é sábia e poderá dizer se é caso de alegria ou de tristeza você ter deixado a jaguatirica escapar." (p. 25). Mais uma vez, a menina assume um tom professoral e "explica" a cena, referindo-se a aspectos ambientais e legais. A seguir, convida o caçador a conhecer seus avós. Note-se que a menina não parece expressar medo ou receio, o que reveste a construção de sua personagem de um clichê de inocência e coragem, idealizando a figura indígena. Essa cena pode ser considerada um exemplo de como a obra limita a imaginação e a criatividade do leitor pretendido, por limitar conexões e espaços que promovem, por exemplo, refletir sobre oscilação das personagens, já que elas se apresentam como clichês previsíveis e, no caso, fazendo uso de uma linguagem pouco verossímil ao contexto. Isso também pode ser observado na passagem em que a menina, mais uma vez, explica, com uma linguagem que pode ser considerada rebuscada e densa, para uma criança, sobre a necessidade de preservar a floresta, parar com o desmatamento e com os incêndios, criação de leis e campanhas educativas (p. 28). Desse modo, a obra apresenta um enredo limitado, com personagens planas, voz narrativa de tom professoral e sem espaços para hipóteses, inventividade ou construção de sentidos, o que impossibilita a abertura para a participação do leitor pretendido.

Ocorrências:

Volume	Arquivo	Descrição
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	25
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	5
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	7
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	13
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	10
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	19
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	28

1.4 A obra apresenta uma linguagem coerente à faixa etária das crianças? (Anexo I, Item, 15.1l)

Parcialmente Sim **Não** Não se aplica

Justificativa:

A obra não possui uma linguagem coerente à faixa etária das crianças, pois várias escolhas lexicais não estão adequadas ao público infantil (pré-escola) e a combinação entre vocabulário pouco acessível/usual a frases e períodos longos prejudica a fluidez da leitura – “Mas você não entende. Você conhece a lei? Sabe que não pode entrar aqui na reserva sem permissão? E muito menos caçar aqui. Vamos conversar com meu Xeramõi, meu avô, ele é nosso xeramõi, ou, como vocês entendem, é o pajé e cacique do meu povo. E você também precisa conhecer minha jari. Ela é sábia e poderá dizer se é caso de alegria ou de tristeza você ter deixado a jaguatirica escapar.” (p. 25). Além disso, há referências adultizadas que limitam a compreensão e interação com a obra por parte do leitor pretendido. Por exemplo, na cena quem que a personagem principal encontra a jaguatirica e o caçador, o narrador anuncia:

“Foi quando um estampido cortou o silêncio. Um não indígena armado, que já estava com a jaguatirica na mira, atirara. Errara o tiro. O animal fugiu, correndo, desaparecendo entre as árvores.

— Não mate, a jaguatirica está magra demais! A carne não vai saciar sua fome! – gritou Pena Vermelha.

— Ora, menina, não ia comer a onça não!

— Então por que matá-la? — questionou Pena Vermelha. E não é onça, é jaguatirica!” (p. 17)

Nesse trecho, várias escolhas lexicais podem oferecer dificuldade ao leitor, como “estampido” e “saciar”, além de verbos no pretérito mais que perfeito, tempo verbal pouco usual mesmo em situações formais - “atirara”, “errara”. Em outro momento da narrativa, quando o caçador comenta o que pensa quando está caçando, responde: “Sei lá... Em pegar muitos bichos, ter bastante carne pra mim, trocar o que sobrar por outros alimentos, vender a pele deles, ganhar uns trocados pra mulher e os filhos... Ir à vendinha também e tomar uns goles de aguardente” (p. 31). Neste trecho, percebe-se a temática da bebida alcoólica, citada de modo passageiro, porém, banalizado, inadequado à faixa etária. Em outro momento, também é notável o discurso pouco verossímil à personagem, com tom didatizante e excessivamente informativo, mostrando-se como outra formulação inadequada para a faixa etária: “Pena Vermelha disse que seria preciso que todos fizessem um esforço para restaurar o equilíbrio. Era necessário parar o desmatamento, os incêndios provocados e a poluição dos rios. Algumas autoridades não indígenas precisariam fazer leis e outras criarem campanhas educativas. Seria necessária uma boa fiscalização também.” (p. 28). Além disso, nota-se, em vários momentos do texto, a necessidade de um esforço que não é pertinente à faixa etária para que os leitores compreendam o texto e a linguagem usada, dadas as escolhas lexicais e combinações entre termos, além das frágeis relações de verossimilhança. Por exemplo, o diálogo entre a avó de Pena Vermelha, o caçador e a menina mostra-se bastante complexo:

“— Imagine que você é lenhador. — continuou a menina — Aí, vê uma árvore enorme. Pensa nas raízes centenárias, na copa verde que limpa o ar, nos macacos que pulam de galho em galho, nos ninhos dos pássaros? § — Claro que não! — disse o moço. § — O lenhador olha para baixo, não olha para cima, só vê o tronco da árvore diante dele! E baba, pensando no lucro! — afirmou Pena Vermelha. § — Já entendi!!! — falou bem alto o caçador — Olhar pro céu de dia e ver o azul sem fim, olhar pro céu noturno e ver milhares de estrelas, olhar ao redor e ver que tudo está vivo, olhar pra vida e ver que tudo está enredado.” (p. 38). Nota-se uma reflexão pertinente sobre a relação entre humanos e natureza. Contudo, as falas apresentam escolhas de termos pouco verossímeis ao que diria uma criança (ainda que indígena) - “copa”, “pensando no lucro” - e mesmo um homem simples, como um caçador, que usa o termo “enredado”. Além disso, a presença de períodos longos, com muitas informações, pode dificultar o entendimento tanto do assunto quanto do ritmo e desenrolar da narração, como se vê, por exemplo, na cena em que a protagonista estabelece comparações para refletir sobre a morte e a relação entre humanos e natureza: “ — A gente morre aos poucos, quando vai cortando os laços com o que nos rodeia. — falou a menina. — A gente morre de vez, mesmo que continue andando por aí como alma penada, quando se esquece que depende, para estar bem, de cada elemento da Natureza. Parece que ninguém pensa que a Natureza é um ser vivo e tem direitos. Querem mudar curso de rio, represar, fazem queimadas, poluem os rios... É muito triste. João abaixou a cabeça para que ninguém visse seus olhos cheios de lágrimas. Lembrou que seu avô falava que o pai dele era filho de uma indígena e de um português, apesar de nunca ter ido a uma aldeia nem ter aprendido os costumes, lá, no fundo de sua alma, havia um chamado. Uma curiosidade, uma atração por aquele mundo que ele não conhecia, pois perdera contato com sua ancestralidade. Mas sentia como se seu ser estivesse incompleto. Ele sentiu-se em paz, pela primeira vez ali, naquela casa simples de barro, bambu e folhas, que continha somente o necessário.” (p. 41). Mais uma vez, nota-se o vocabulário inadequado à faixa etária, o que se comprova com o uso de termos como “represar”, “ancestralidade”, além de períodos muito longos e uma sequência de ideias sem haver um lastro narrativo para conferir verossimilhança - o caçador, inicialmente, agressivo e interessado nos bichos e em seu próprio sustento, parece se converter em alguém sensível e repleto de consciência.

Ocorrências:

Volume	Arquivo	Descrição
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	17
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	38
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	41
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	31
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	25
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	28

1.5 O texto verbal escrito foge de estereótipos e possibilita a ampliação do repertório linguístico das crianças (Itens 12.1b, 12.1g, 12.1h, 12.2 (Anexo I))?

Parcialmente Sim Não Não se aplica

Justificativa:

O texto não foge de estereótipos e não possibilita a ampliação do repertório linguístico das crianças, pois a obra apresenta as personagens reforçando clichês e representações reduzidas e simplistas, sobretudo, dos povos indígenas, limitando a abertura estética e cultural da narrativa bem como inviabiliza por suas escolhas lexicais e sintáticas uma aproximação com o leitor da pré-escola. Desde o início, por exemplo, a protagonista é apresentada pelo narrador de modo superficial e com traços que, embora possam ser característicos, reduzem as possibilidades de representação dos indígenas a, no caso, o uso das penas: "A pequena kunha'i era chamada de Hague Punta, ou Pena Vermelha, como fora apelidada na escola pelas crianças não indígenas, tudo porque não tirava da cabeça a tiara que ganhara da sua avó. O enfeite era feito de penas da arara vermelha, ave que a menina considerava a mais bonita de todas." (p. 5). Nesse trecho, além da simplificação na construção da personagem, observa-se o que parece uma sugestão de maniqueísmo que reduz indígenas e não indígenas a grupos opostos e homogêneos, como se não houvesse, por exemplo, culturas, povos e manifestações mais diversas e complexas. Outra cena em que a estereotipização indígena pode ser notada ocorre na cena em que o pajé conversa com o caçador e diz:

"— Todos trabalhamos. — apartou o pajé — Já estou velho e cansado, mas continuo cuidando das roças de milho, de mandioca... E cumprindo meu papel de pajé para meu povo guarani. Ganho o quê? As pessoas de fora, que me procuram para conselhos ou para remédios naturais, trazem alimentos ou uns trocados. Ganho o que podem oferecer. Um pescado, um naco de carne de anta, um palmito... E, a cada dia, ganho mais conhecimento." (p. 35). Nota-se nessa fala a caracterização indígena por meio do clichê de pessoas que se limitariam a cuidar de roças ou, ainda, que teriam uma atitude passiva e resignada ao aceitar "o que [outros não indígenas] podem oferecer", o que pode sugerir uma posição de submissão e inferioridade em relação a pessoas não indígenas, por exemplo. Tais caracterizações são reforçadas por ilustrações que reproduzem imagens que podem ser consideradas estereótipos também, como se vê, por exemplo, nas ilustrações em que a mãe, a menina e os avós são apresentados como figuras indefinidas e quase caricaturais, tendo em vista as representações habituais feitas de povos e pessoas indígenas (pp. 8 e 36). Em outra cena de representação simplista e redutora, a narrativa apresenta a menina e seus avós dançando e segurando maracás para entoar um canto sagrado, como forma de agradecimento pelo caçador desistir de caçar, sendo esse momento representado por uma imagem que deixa de ter como fundo a floresta para uma imagem que tem padrões geométricos e cores fortes, de forma a criar efeitos visuais que dão a sensação de movimento e profundidade (pp. 46 e 47). Essa ilustração parece remeter a um efeito de hipnose ou fascínio, enfatizando uma romantização excessiva que coloca os povos indígenas apenas como guardiões da natureza ou ainda figuras míticas e que fazem rituais peculiares. Desse modo, o texto e as ilustrações parecem limitar a possibilidade de representatividade plural das culturas indígenas, reduzindo a compreensão sobre quem seriam povos atuais, como vivem, quão diversos são e quais suas contribuições e participações na formação da cultura e sociedade atuais. Outro aspecto que também reforça estereótipos diz respeito ao apelo intertextual explícito e que pode soar caricatural de outra narrativa, no caso, "Chapeuzinho Vermelho", como se nota no início do texto, nas cenas: "Um dia, Para Mirim, mãe da pequena kunha'i, chamou-a e pediu que levasse para a avó adoentada um cesto com biju, tipá, milho, palmito, batata-doce e mandioca. § A cunhatã logo se colocou em prontidão para ir. § As duas cantaram e rezaram para pedir a proteção de Nhanderu para a menina entrar na mata em segurança." (p. 7) e "Pena Vermelha sabia bem os perigos da mata e pretendia mesmo não sair da trilha... Mas sabia também que era difícil não se encantar com as yvity – isso é, as árvores –, as flores, as borboletas e tantos passarinhos que apareciam pelo caminho. § E não deu outra: ao avistar um corupião a voar, tomou um atalho para o ver melhor. Viu-se, sim, inesperadamente, diante de uma jaguatirica faminta." (p. 10). A referência ao conto de fadas europeu parece se tornar exaustiva e extremamente previsível, como deixa entrever a fala do caçador: "— Hum... — pensou o caçador – Eu já conheço essa história: uma menina, uma fera, uma avó e um caçador – e riu consigo mesmo." (p. 21). Assim, esse ecoar explícito e superficial da narrativa do conto de fada reduz a complexidade da construção dos elementos da obra e limita as possibilidades de interpretação e fruição estética. A obra também inviabiliza a ampliação do repertório linguístico das crianças ao trazer uma linguagem pouco usual e não apropriada para a faixa etária da pré-escola, dificultando o entendimento e apropriação desse repertório linguístico. Tais dificuldades podem ser notadas, por exemplo, ao narrar a cena de embate entre o caçador e a jaguatirica: "Foi quando um estampido cortou o silêncio. Um não indígena armado, que já estava com a jaguatirica na mira, atirara. Errara o tiro. O animal fugiu, correndo, desaparecendo entre as árvores." (p. 17). Nesse trecho, o uso de termos como "estampido" e os verbos no pretérito mais que perfeito ("atirara" e "errara") distanciam o leitor pretendido do texto e dificultam a compreensão e interação com o narrado. Em outro trecho, observa-se a mesma limitação: "Pena Vermelha disse que seria preciso que todos fizessem um esforço para restaurar o equilíbrio. Era necessário parar o desmatamento, os incêndios provocados e a poluição dos rios. Algumas autoridades não indígenas precisariam fazer leis e outras criarem campanhas educativas. Seria necessária uma boa fiscalização também." (p. 28). Nessa passagem, o uso de palavras como "autoridades", "fiscalização" afasta a narrativa do universo infantil e não convida à fruição – na verdade, o trecho tem tom didatizante e se mostra pouco verossímil em relação ao que seria esperado de uma criança como é descrita a protagonista.

Ocorrências:

Volume	Arquivo	Descrição
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	46-47
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	35
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	7
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	17
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	21
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	5
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	10
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	28

1.6 Quanto às obras literárias em narrativas de tradição oral e narrativas autorais: a obra apresenta e desenvolve personagens e enredo, colocando-os em relações de espaço-tempo? (Anexo I, Itens 16.1a/d/e/h)

Parcialmente

Sim

Não

Não se aplica

Justificativa:

Quanto às obras literárias em narrativas autorais, a obra apresenta e desenvolve parcialmente personagens e enredo, colocando-os em relações de espaço-tempo. Embora de modo simplista e explorando pouco as potencialidades do gênero narrativo, o enredo se desenvolve a partir da protagonista, a menina Pena Vermelha (apresentada de modo estereotipado e simplista logo no início da narrativa – “A pequena kunha’i era chamada de Hague Punta, ou Pena Vermelha, como fora apelidada na escola pelas crianças não indígenas, tudo porque não tirava da cabeça a tiara que ganhara da sua avó. O enfeite era feito de penas da arara vermelha, ave que a menina considerava a mais bonita de todas.” (p. 5); de seu encontro com o caçador (pp. 17 e 19), o qual se apresenta como antagonista não indígena. Além desses personagens, no início, há a mãe da menina, responsável por reforçar o intertexto simplista e reiterado com o conto de fadas “Chapeuzinho Vermelho”: “Um dia, Para Mirim, mãe da pequena kunha’i, chamou-a e pediu que levasse para a avó adoentada um cesto com biju, tipá, milho, palmito, batata-doce e mandioca. § A cunhatã logo se colocou em prontidão para ir. § As duas cantaram e rezaram para pedir a proteção de Nhanderu para a menina entrar na mata em segurança.” (p. 7). § Nota-se que o enredo apresenta três momentos básicos: o espaço inicial (apresentação da trama, p. 5 - 9), quando a garota se prepara para visitar a avó; a seguir, constrói-se a complicação, quando a menina encontra a jaguatirica (p. 10 - 15) e, em seguida, o caçador (p. 16 - 17) e passa a conversar com ele, encaminhando o texto para o conflito (diálogo entre Pena Vermelha e João, pp. 19 - 25). Por fim, o texto caminha para o clímax e a solução do conflito, o que se dá com o encontro do caçador com os avós da menina e sua reflexão sobre a questão da caça e a tomada de consciência sobre a importância de respeitar e conviver com a natureza (pp. 28 - 42). Acompanhando o texto, as ilustrações dos espaços e vegetação, embora auxiliem na ambientação das ações (como se nota, por exemplo, nas imagens de animais, em fundo marrom, sugerindo a fuga devido a desmatamento e queimada, complementando o discurso de defesa da natureza feito por Pena Vermelha, pp. 28 - 29), ainda assim não formam um marcador espacial distintivo. Observa-se que, ao longo da obra, várias imagens se repetem (como a figura da menina – pp. 4 e 44; ou a representação idêntica do pajé, avô da garota, pp. 34 e 26), assim como o texto não modula ou faz apontamentos concretos sobre o tempo narrativo (cronológico ou psicológico), o que não permite haver marcadores temporais ou de duração da ação: por exemplo, não há indícios, seja no texto, seja nas ilustrações para se estimar quanto tempo a menina e o caçador caminharam e quanto tempo conversaram com os avós de Pena Vermelha. Além disso, o enredo se constrói a partir da proposta de uma reescrita indígena do conto europeu, em que o texto da obra tenta enfatizar o encontro entre o indígena e o não indígena e a conscientização sobre questões ambientais, como se explicita, por exemplo, quando o narrador explica uma espécie de experiência de arrependimento e consciência profunda vivida pelo caçador João: “João abaixou a cabeça para que ninguém visse seus olhos cheios de lágrimas. Lembrou que seu avô falava que o pai dele era filho de uma indígena e de um português, apesar de nunca ter ido a uma aldeia nem ter aprendido os costumes, lá, no fundo de sua alma, havia um chamado. Uma curiosidade, uma atração por aquele mundo que ele não conhecia, pois perdera contato com sua ancestralidade. Mas sentia como se seu ser estivesse incompleto. Ele sentiu-se em paz, pela primeira vez ali, naquela casa simples de barro, bambu e folhas, que continha somente o necessário.” (p. 41). Desse modo, há relações espaço-temporais limitadas e pouco desenvolvidas.

Ocorrências:

Volume	Arquivo	Descrição
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	19
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	10-15
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	19-25
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	4
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	17
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	16-17
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	7
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	5
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	44
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	5-9
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	28-42

1.7 Quanto às obras literárias em narrativas de tradição oral e narrativas autorais: a obra apresenta emprego adequado da variação linguística ao discurso dos personagens nos diferentes contextos? (Anexo I, Item 16.1h)

Parcialmente

Sim

Não

Não se aplica

Justificativa:

A obra não apresenta emprego adequado da variação linguística ao discurso dos personagens nos diferentes contextos. A linguagem do texto verbal, como um todo, não condiz com a faixa etária à qual a obra se destina, nem se mostra adequada ao leitor pretendido, como se observa em trechos como: “Foi quando um estampido cortou o silêncio. Um não indígena armado, que já estava com a jaguatirica na mira, atirara. Errara o tiro. O animal fugiu, correndo, desaparecendo entre as árvores.” (p. 17) Nesse trecho, várias escolhas lexicais podem oferecer dificuldade ao leitor, como “estampido” e “saciar”, além de verbos no pretérito mais que perfeito, tempo verbal pouco usual mesmo em situações formais - “atirara”, “errara”. Logo a seguir, na mesma página, segue o diálogo entre a menina e o caçador: “— Não mate, a jaguatirica está magra demais! A carne não vai saciar sua fome! – gritou Pena Vermelha. § — Ora, menina, não ia comer a onça não! § — Então por que matá-la? — questionou Pena Vermelha. E não é onça, é jaguatirica!” (p. 17). Nota-se que Pena Vermelha faz uso de termos como “saciar”, pouco usual para uma criança, e “matá-la”, em que a ênclise pronominal se mostra como um uso artificial da linguagem, pouco verossímil a um diálogo coloquial entre duas pessoas em situação de surpresa e incerteza, como se poderia imaginar o encontro entre a menina e o homem. Tais inadequações também são perceptíveis no trecho: “— Seja o que for, ela quase te atacou e você ainda a defende? — esbravejou o caçador. § — Ela estava faminta. Se me matasse seria para se alimentar e viver. Mas acho que preferiu uma presa maior. Está difícil encontrar alimento na floresta. Vocês, homens da cidade, estão derrubando tudo. As árvores estão mortas, os animais estão ficando sem ter para onde ir, sem ter o que comer. Os bichos perdem as tocas, os passarinhos ficam sem os ninhos.” (p. 19). Novamente, observa-se o uso de uma variante aparentemente culta da língua, tanto na fala da menina, quanto na do caçador, como se nota em expressões como “você ainda a defende?” (uso de uma próclise que pode ser considerada requintada e pouco natural numa conversa informal) e formas verbais extremamente padrão como “está” e “estão”, que, numa variante coloquial, provavelmente, apresentariam formas como “tá” e “estão”. Dessa forma, evidencia-se um registro pouco condizente com um diálogo entre uma garota e um homem de baixa escolaridade e rudimentar, comprometendo a verossimilhança da narrativa e inviabilizando o reconhecimento de variantes linguísticas por parte do leitor, uma vez que não há nuances entre as falas das personagens, todas elas representadas por um discurso unívoco no que se refere às escolhas lexicais e às estruturas sintáticas. Tal descompasso é evidente também em outro diálogo entre essas personagens: “— Imagine que você é lenhador. – continuou a menina — Aí, vê uma árvore enorme. Pensa nas raízes centenárias, na copa verde que limpa o ar, nos macacos que pulam de galho em galho, nos ninhos dos pássaros? § — Claro que não! – disse o moço. § — O lenhador olha para baixo, não olha para cima, só vê o tronco da árvore diante dele! E baba, pensando no lucro! — afirmou Pena Vermelha. § — Já entendi!!! — falou bem alto o caçador — Olhar pro céu de dia e ver o azul sem fim, olhar pro céu noturno e ver milhares de estrelas, olhar ao redor e ver que tudo está vivo, olhar pra vida e ver que tudo está enredado.” (p. 38). Escolhas lexicais como “centenária”, por parte da menina, e “enredado”, pelo caçador, soam inverossímeis com os personagens (como já dito, uma criança e um caçador, aparentemente, de extrato bastante simples e, inicialmente, pouco preocupado com o meio ambiente). Assim, a hipercorreção na linguagem dos personagens comprova a inadequação do uso de variantes linguísticas nas falas das personagens e prejudicam a verossimilhança da construção das personagens e, consequentemente, da narrativa (pp. 20 - 21; 25; 30).

Ocorrências:

Volume	Arquivo	Descrição
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P260102000002-P DF.pdf	20 - 21
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P260102000002-P DF.pdf	25
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P260102000002-P DF.pdf	30
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P260102000002-P DF.pdf	17
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P260102000002-P DF.pdf	19
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P260102000002-P DF.pdf	38

1.8 Quanto às obras literárias em narrativas de tradição oral e narrativas autorais: a obra apresenta originalidade (por exemplo, tramas não previsíveis e com efeito surpresa que incentivem a curiosidade e a imaginação)? (Anexo I, Itens 14.1b, 15.1j, 16.1j)

Parcialmente

Sim

Não

Não se aplica

Justificativa:

Quanto às obras literárias em narrativas autorais, a obra não apresenta originalidade (por exemplo, tramas não previsíveis e com efeito surpresa que incentivem a curiosidade e a imaginação). A narrativa, embora se proponha a apresentar temáticas relacionadas à valorização da cultura indígena e da valorização e reflexão sobre questões ambientais, como o uso responsável de recursos naturais e a conscientização sobre questões cruciais como desmatamento e incêndios, mostra-se previsível e nada original desde o início. A narrativa se propõe a ser uma "reelaboração" indígena a partir da base do conto "Chapeuzinho Vermelho". A referência exaustiva apresentada desde o início do texto torna bastante previsível e pouco original a condução do enredo. Desde a primeira cena, explicita-se a retomada do conto de fadas, como se nota quando a protagonista é apresentada: "A pequena kunha'i era chamada de Hague Punta, ou Pena Vermelha, como fora apelidada na escola pelas crianças não indígenas, tudo porque não tirava da cabeça a tiara que ganhara da sua avó. O enfeite era feito de penas da arara vermelha, ave que a menina considerava a mais bonita de todas." (p. 5). A seguir, o narrador apresenta a ação inicial, que, juntamente ao trecho anterior, explicita a relação intertextual direta com o conto de fadas: "Um dia, Para Mirim, mãe da pequena kunha'i, chamou-a e pediu que levasse para a avó adoentada um cesto com biju, tipá, milho, palmito, batata-doce e mandioca. A cunhatã logo se colocou em prontidão para ir." (p. 7). Adiante, após o encontro da menina com o caçador, este comenta de maneira que pode parecer jocosa a retomada da história europeia, que pode parecer caricatural ao leitor, uma vez que vem por meio da fala de uma das personagens da história: "— Hum... — pensou o caçador — Eu já conheço essa história: uma menina, uma fera, uma avó e um caçador — e ri consigo mesmo." (p. 21). Assim, tendo em vista tantos elementos apresentados de modo didatizante e com texto escasso em recursos narrativos e linguísticos, a narrativa se apresenta como uma obra que transmite informações prontas e fechadas, sem espaço e abertura para uma participação ativa do leitor/criança, visto que o encadeamento de ações converge para uma "lição" sobre a importância da preservação do meio ambiente e do habitat de animais e povos originários — "A gente morre aos poucos quando vai cortando os laços com o que nos rodeia — falou a menina. — A gente morre de vez, mesmo que continue andando por aí como alma penada, quando se esquece que depende, para estar bem, de cada elemento da Natureza. Parece que ninguém pensa que a natureza é um ser vivo e tem direitos. Querem mudar curso de rio, represar, fazem queimadas, poluem rios... É muito triste". (p. 41). Quanto à construção do enredo, a narrativa apresenta uma menina indígena que, a partir de um encontro (caricaturado) com um caçador, explora questões relativas à preservação da floresta como desmatamento (de modo informativo e professoral, como se nota, por exemplo, no discurso indireto reportado na cena em que a menina e o caçador chegam à casa dos avós da garota — "Pena Vermelha disse que seria preciso que todos fizessem um esforço para restaurar o equilíbrio. Era necessário parar o desmatamento, os incêndios provocados e a poluição dos rios. Algumas autoridades não indígenas precisariam fazer leis e outras criarem campanhas educativas. Seria necessária uma boa fiscalização também" (p. 38). Note-se ainda que, tanto texto, quanto ilustrações, parecem reduzir o desenvolvimento da personagem principal a um estereótipo indígena limitado e ultrapassado, como se notam por algumas ilustrações (pp. 4 e 6) e pelo texto quando a menina diz desejar ser uma guerreira — " — Que bom! Quero ser guerreira, explicou. Mas uma guerreira sem arma, guerreira Nhe'e, da palavra, quero defender a floresta. Palavras têm espírito! Elas têm força. Podem até curar." (p. 25). Os personagens (menina e o caçador) e o conflito (encontro com a jaguatirica e com o caçador) não apresentam profundidade ou novidade, seguindo uma narrativa previsível, que não apresenta reviravoltas ou elementos inesperados que despertem o interesse do leitor/criança. Isso é perceptível, por exemplo, no momento em que a menina e o caçador encontram os avós indígenas e falam da jaguatirica. O avô, então, explica como podem ajudar os animais que sentem fome, de modo objetivo, raso, sem convidar o leitor a participar desse momento ou sem propiciar espaços para hipóteses ou outras construções de sentido — "E o pajé disse: § — Todos, unidos, com o espírito de defender e preservar a Natureza, porque... § — Todos nós somos um" — exclamou a menina. § O avô orgulhoso da neta, soltou uma longa bafurada de seu petyngua, um grande cachimbo. Ela estava se tornando uma verdadeira xondara, um guerreira." (p. 28). Além disso, em várias partes, nota-se o tom professoral e informativo, que destoa da proposta da construção ficcional, o que se pode observar, por exemplo: "Pena Vermelha logo chamou por Nhanderu Tupã, pedindo ajuda. Não era normal aquele animal estar ali, naquela hora do dia. Certamente, o desmatamento promovido pelos juruá — pessoas não indígenas — e a destruição de partes da mata obrigava os animais a mudarem de hábitos, irem aonde não iam, em horas impróprias, para buscarem alimento e, às vezes, apenas encontrarem a morte." (p. 13). O excesso de explicações e informações não oportuniza espaços para extrapolações ou suspense para o leitor. Desse modo, o texto não provoca a imaginação, a reflexão ou a antecipação por parte do leitor, sendo uma leitura previsível e sem estímulos à curiosidade, empobrecendo a experiência estética e interpretativa.

Ocorrências:

Volume	Arquivo	Descrição
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	28
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	25
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	4-6
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	21
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	26
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	7
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	5
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	13

1.9 Quanto às obras literárias em forma de poemas e jogos tradicionais e poemas autorais: a obra explora poeticamente os recursos do texto verbal, permitindo ao leitor experimentar diferentes sensações e brincar com os efeitos de sentido? (Anexo I, Itens 14.1b; 16.2b/f/j, 16.2e/h)

Parcialmente Sim Não Não se aplica

Justificativa:

1.10 Quanto às obras literárias em forma de obras teatrais ou dramáticas: a obra apresenta o texto dramático em forma de diálogos de modo inovador, dividindo-o em atos e cenas, com presença das rubricas (descrições do espaço e/ou da situação antes de cada ato)? (Anexo I, Itens 16.3c; 16.3f/g)

Parcialmente Sim Não Não se aplica

Justificativa:

1.11 Quanto às obras literárias em forma de obras teatrais ou dramáticas: a obra apresenta recursos que tendem a valorizar o texto dramático, tais como pausas, mímica, sonoplastia, gestos e outros elementos ligados à postura corporal, aspectos apontados pelas indicações cênicas? (Anexo I, Item 16.3g)

Parcialmente Sim Não Não se aplica

Justificativa:

1.12 Quanto às obras literárias em forma de Histórias em Quadrinhos: a obra apresenta sequência de desenhos, definidos pela integração de linguagem verbo-visual ou apenas visual que favoreça a expansão da experiência leitora das crianças? (Anexo I, Item 16.4c)

Parcialmente Sim Não Não se aplica

Justificativa:

Bloco 2- Da qualidade da ilustração

Bloco 2- Da qualidade da ilustração

2 - Da qualidade da ilustração

2.1 As ilustrações apresentam um tratamento estético visual que dialoga com o texto verbal e amplia o universo de significação da obra? (Anexo I, Itens 14.3, 16.1a)

Sim Parcialmente Não

Justificativa:

As ilustrações apresentam parcialmente um tratamento estético visual que dialoga com o texto verbal e amplia o universo de significação da obra pois, embora a capa traga elementos que podem sugerir curiosidade sobre qual será o enredo e qual a relação entre personagens – no caso, as figuras da jaguatirica e da menina, protagonista da história –, a organização e composição das ilustrações internas, ao longo da obra, se relacionam ao texto verbal, em geral, repetindo-o ou representando-o de modo restrito (pp. 6 – 7; 12 – 13; 14 – 15; 36 – 37). Logo no início da obra, uma ilustração mostra mãe e filha em atitude de oração (p. 6) e o texto verbal narra a cena: “Um dia, Para Mirim, mãe da pequena kunhaï, chamou-a e pediu que levasse para a avó adoentada um cesto com biju, tipá, milho, palmito, batata-doce e mandioca. § A cunhatã logo se colocou em prontidão para ir. § As duas cantaram e rezaram para pedir a proteção de Nhanderu para a menina entrar na mata em segurança.” (p. 7) Isso também pode ser observado quando Pena Vermelha e o caçador se encontram (pp. 20 – 21). Nesse encontro, a ilustração mostra a menina no canto esquerdo da página (p. 20), com a vegetação ao fundo e o texto anuncia: “ – E aonde você ia sozinha no meio da mata? – falou o caçador João, para mudar de assunto. – Visitar minha jari, minha avó. Ela está doente. Minha mãe mandou alimentos para ela.” (p. 20). Na página seguinte, a ilustração mostra o caçador, no canto direito, também com o fundo todo preenchido pela vegetação, e o texto verbal diz: “ – Hum... – pensou o caçador – Eu já conheço essa história: uma menina, uma fera, uma avó e um caçador – e riu consigo mesmo. Perguntou: – Como é seu nome?” (p. 21). Portanto, nota-se que as ilustrações, embora de página inteira e duplas, se limitam a reproduzir e representar imageticamente o texto verbal, com pouco espaço para ampliação de sentidos. Em algumas cenas, verifica-se que as ilustrações sugerem extrapolação e possibilidade de ampliação de sentidos do texto, como ocorre nas páginas 28 e 29. Em que o texto verbal se concentra totalmente numa das páginas (e, portanto, num dos “limites” da ilustração):

“Pena Vermelha disse que seria preciso que todos fizessem um esforço para restaurar o equilíbrio. Era necessário parar o desmatamento, os incêndios provocados e a poluição dos rios. Algumas autoridades não indígenas precisariam fazer leis e outras criarem campanhas educativas. Seria necessária uma boa fiscalização também. § E o pajé disse: § – Todos, unidos, com o espírito de defender e preservar a Natureza, porque... § – Todos nós somos um! – exclamou a menina. § O avô, orgulhoso da neta, soltou uma longa baforada do seu petyngua, um grande cachimbo. Ela estava se tornando uma verdadeira xondara, uma guerreira. § – O moço estava mesmo com tanta fome quanto a jaguatirica perdida – comentou, meio fraquinha, mas mordaz, a avó. – Não sobrou nem um grão de milho! – arrematou a anciã. § – Oh, perdão!– disse, ajeitando-se o caçador.” (p. 28) Nesta mesma página e na seguinte, observa-se o fundo marrom e vários animais (jaguaririca, roedores, pássaros) em movimento de fuga (p. 29), o que reforça a gravidade do tema discutido: desmatamento e queimadas, ou seja, a destruição do meio ambiente. Contudo, nota-se que esse potencial estético das ilustrações é bem limitado, seja pela limitação das imagens, seja por imagens que parecem incoerentes. Por exemplo, quando Pena Vermelha se depara com a jaguatirica, pede ajuda a Tupã por estar com medo da situação (p. 13). Entretanto, a cena seguinte mostra a menina frente ao felino (p. 14), sem aparentar receio o medo (o que contraria a ideia do texto verbal, já que ela havia invocado a proteção de um deus). A expressão no rosto da menina não parece traduzir o temor descrito pelo texto verbal. Assim, imagem e texto parecem estar dissociados, o que pode confundir o leitor. Em outras cenas, também é possível perceber essa desconexão entre texto verbal e imagens, como ocorre na passagem em que a menina conversa com o caçador, no primeiro contato dos dois (pp. 20 – 21). Embora a posição da ilustração sugira o antagonismo entre eles (Pena Vermelha está no canto esquerdo da página 20 e o caçador, no canto direito da página 21), a figura da menina não expressa temor. Outro aspecto a ser destacado é que as imagens não oferecem pistas interpretativas que permitam a extrapolação do texto verbal, não estimulam a imaginação e não aprofundam a compreensão da narrativa. Um aspecto que enfatiza essa limitação é a repetição de imagens ao longo da obra. Por exemplo, as mesmas imagens da capa, menina e jaguatirica se repetem em vários momentos da narrativa (pp. 4, 11, 18, 36 e 44). O mesmo ocorre com a imagem do avô em que há apenas alteração no fundo em que está inserida, ou seja, mudança de cenário (pp. 34 e 36). Com a representação da avó, acontece o mesmo: as imagens das páginas 30 e 36 são idênticas, havendo apenas alteração do cenário ao fundo. Desse modo, devido a todas as limitações, a interação entre texto verbal e ilustrações torna-se bastante restrita e pouco convidativa à ampliação de sentidos da obra.

Ocorrências:

Volume	Arquivo	Descrição
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	14-15
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	36
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	28-29
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	36 - 37
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	18
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	30
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	20-21
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	44
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	6-7
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	4
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	11
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	20-21
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	34

2.2 As ilustrações possibilitam uma leitura própria, propositiva e criativa para além do texto verbal, sendo um convite à imaginação e criação das crianças? (Anexo I, Itens 14.3, 15.1j)

Sim

Parcialmente

Não

Justificativa:

As ilustrações não possibilitam uma leitura própria, propositiva e criativa para além do texto verbal, não sendo um convite à imaginação e a criação das crianças, pois assumem papel restritivo de reapresentação apenas do que está sendo narrado (pp. 14 – 15; 24 – 25; 42 – 43). Destaque-se, por exemplo, a repetição de imagens dos personagens, de modo explícito, como ocorre com as imagens de capa da menina (capa e p. 4) e da jaguatirica (capa e p. 18). Em outros momentos da narrativa, também são reproduzidas as mesmas ilustrações que representam Pena Vermelha (pp. 11, 36 e 44). O mesmo acontece com as representações do avô e da avó, em que são utilizadas as mesmas imagens com mudança apenas do fundo em que são aplicadas, ou seja, evidenciando apenas mudanças de cenário (pp. 34 e 36; 30 e 36, respectivamente). Destaque-se ainda que, na maior parte da obra, as ilustrações se limitam a reproduzir imageticamente o texto verbal, sem possibilitar elementos extras que promovam extrapolação de sentidos ou leitura própria e criativa. Isso pode ser observado, por exemplo, na cena em que a avó da menina conversa com o caçador, em que as ilustrações mostram, no canto esquerdo da ilustração (p. 30), a avó de Pena Vermelha, com o seguinte texto: "A sábia jari, respondeu: § — Não fique incomodado. Comida é para ser apreciada até o finzinho. Mas me diga, caçador...§ — João, ao seu dispor, minha senhora. § — Certo, amigo João. — continuou a anciã — No que você pensa quando está caçando?" (p. 30) Na página seguinte, no canto direito, aparece o caçador, e o texto verbal, no alto da página diz:

" — Sei lá... Em pegar muitos bichos, ter bastante carne pra mim, trocar o que sobrar por outros alimentos, vender a pele deles, ganhar uns trocados pra mulher e os filhos... Ir à vendinha também e tomar uns goles de aguardente. § — Só isso? § — Sim, senhora." (p. 31) Como todas as ilustrações são de página inteira e duplas, tem-se, em primeiro plano as imagens das duas personagens e, ao fundo, a floresta como cenário. Não há outros elementos imagéticos que convidem à leitura mais propositiva ou a um diálogo mais instigante entre texto verbal e ilustração. Além disso, em alguns momentos, a composição imagética pode confundir o leitor: na cena em que a garota encontra o caçador, a imagem mostra que a menina e caçador em lados opostos, (a garota, no canto esquerdo da página 20 e o caçador, no canto direito da página 21), o que sugere antagonismo, distanciamento e cautela. Essa oposição e aparente distância é reforçada pelas imagens seguintes (pp. 22 e 23). Adiante, menina e homem aparecem caminhando próximos (p. 24) – uma proximidade que pode surpreender o leitor e que não está claramente sugerida pelo diálogo travado entre os personagens – " — Meu nome é Jussara, mas me chamam de Pena Vermelha. E você quem é? § — Me chamo João e sou caçador. Hoje, vim conhecer essa reserva indígena. Não sei ainda se estou alegre ou triste por não ter acertado o tiro na onça, quer dizer, na jaguatirica... Mas achei você muito corajosa." (p. 23) E a seguir: " — Que bom! Quero ser guerreira, explicou. Mas uma guerreira sem arma, guerreira Nhe'e, da palavra, quero defender a floresta. Palavras têm espírito! Elas têm força. Podem até curar. Mas você não entende. Você conhece a lei? Sabe que não pode entrar aqui na reserva sem permissão? E muito menos caçar aqui. Vamos conversar com meu tamöi, meu avô, ele é nosso xeramöi, ou, como vocês entendem, é o pajé e cacique do meu povo. E você também precisa conhecer minha jari. Ela é sábia e poderá dizer se é caso de alegria ou de tristeza você ter deixado a jaguatirica escapar." (p. 25). A fragilidade quanto à verossimilhança sugerida pelo diálogo (a menina não parece temer o homem desconhecido e armado) também aparece nas ilustrações, uma vez que há uma aproximação cordial e entre a criança e o caçador. Assim, em vez de oportunizar leitura propositiva e criativa, as ilustrações podem confundir o leitor e não o convidam a imaginar e criar universos infantis coerentes com a faixa etária. Além disso, pode-se considerar que algumas imagens apresentam certa adultização da garota (pp. 16 e 20) – o rosto da menina e os traços do desenho sugerem uma jovem, adultizada, com expressões e com o rosto de uma menina mais velha. Em outro momento da narrativa, a ilustração mostra uma espécie de colagem dos personagens, repetindo as imagens de outras páginas (pp. 11, 30, 34 e 36), ou seja, não há mudança de expressões, posições, ou outros detalhes. Desse modo, as ilustrações se limitam não só em relação ao texto verbal, mas também em relação ao todo imagético da obra. Assim, o que se nota é que não há uma proposta consistente para que ocorra uma leitura própria, propositiva e criativa. O que se percebe é que o conjunto de ilustrações formam uma sequência, acompanhando o texto verbal, mas sem acréscimos de elementos ou espaços para a leitura imaginativa do leitor pretendido, limitando a experiência estética e fruição da obra.

Ocorrências:

Volume	Arquivo	Descrição
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	11
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	44
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	20-21
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	30-31
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	16
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	36
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	25
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	18
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	34
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	4
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	22-23

2.3 Os componentes da ilustração, tais como cenários, personagens, planos, ângulos, luzes, contrastes, uso de cores, recursos gráficos, entre outros, são apresentados de modo que forma e conteúdo se relacionem com coerência e criatividade? (Anexo I, Itens 14.3, 15.1e, 16.4b, 16.5d, 16.4e, 16.4a/b/c)

Sim

Parcialmente

Não

Justificativa:

Os componentes da ilustração, tais como cenários, personagens, planos, ângulos, luzes, contrastes, uso de cores, recursos gráficos, entre outros, são apresentados de modo que forma e conteúdo se relacionam, parcialmente, com coerência e criatividade. As ilustrações representam os elementos centrais da obra em relação coerente com o cenário - sempre a floresta. Por exemplo, vêem-se a menina (como se vê logo na capa, e ao longo da obra, pp. 4, 6 e 11), a jaguatirica (capa, pp. 12 e 14), o caçador (pp. 16, 21 e 22), os avós (pp. 36 e 43), sempre representados com folhagens e árvores, reforçando que se tratam de pessoas que vivem e circulam pelo ambiente da floresta. Ao longo da obra, predominam cores vibrantes e que sugerem a exuberância da natureza, como se observa nas ilustrações, por exemplo, em que há árvores e folhagens diversas (pp. 12 - 13; 24 - 25; 32 - 33), flores (pp. 22 - 23) e animais (pp. 10 - 11; 14 - 15; 28 - 29). Contudo, há cenas em que a escala e a proporção das plantas ficaram prejudicadas, como por exemplo a cena em que o pé de milho parece desproporcional ao tamanho humano (pp. 34 - 35). Ao final da história, o fundo assume a coloração azul mais clara (pp. 36 - 37), no que pode ser uma sugestão ao final do dia e ao anoitecer, o que parece ser confirmado pelo fundo azul escuro (pp. 38 - 39). A seguir, o céu volta a ficar claro (p. 40) e vê-se, por exemplo, o tom enevoado e o que parece ser um raio de sol do amanhecer (p. 42 - 43). Desse modo, as imagens sugerem a passagem do tempo, acompanhando o texto verbal para indicar o desfecho da história. Contudo, as ilustrações que representam os personagens (menina, caçador e avós) não explicitam emoções ou reações destes às situações narradas. Por exemplo, a garota, ao conhecer o caçador, não esboça medo ou receio em sua postura e expressão facial (p. 22). A mesma situação - ou seja, a ausência de expressividade das imagens das personagens - pode ser notada quando Pena Vermelha encontra a jaguatirica: apesar de rezar a Tupã, pedindo proteção, a imagem mostra a menina serena e aparentemente sem preocupação frente ao animal (p. 14). Também os planos e ângulos parecem ter sido escolhidos, em sua maioria, de modo aleatório, sem contribuir para o ritmo ou para o foco da cena e há combinações em que as imagens humanas parecem um tanto planejadas, remetendo a um recorte improvisado, como se vê na cena em que avô, avó e a menina aparecem num fundo azul (p. 36). Destaque-se ainda que, nessa cena, as imagens repetem outras idênticas a outros momentos da narrativa - a ilustração do avô é a mesma da página 34; a da avó já havia aparecido na página 30 (há, na página 36, uma alteração e a mulher aparece com o braço em frente ao peito) e a imagem da menina é a mesma da página 11 (apenas é espelhada, invertida na página 36). Essa repetição reiterada de imagens também prejudica o projeto gráfico da obra e podem confundir o leitor, ao rerepresentar, em cenas diferentes da narrativa, as mesmas ilustrações. Além disso, confirma um aspecto de pouca criatividade na relação entre conteúdos e imagens da obra.

Ocorrências:

Volume	Arquivo	Descrição
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	11
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	34-35
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	16
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	22
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	6
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	12
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	36-37
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	42-43
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	4
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	14
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	21

2.4 As técnicas de ilustração empregadas dialogam com a abordagem do tema e com as características específicas do gênero em análise (narrativas tradicionais, narrativas autorais, poemas e jogos tradicionais, poemas autorais, história em quadrinho, texto teatral ou livro de imagem literário)?

☒ Sim☐ Parcialmente☐ Não

Justificativa:

As técnicas de ilustração empregadas dialogam com a abordagem do tema e com as características específicas do gênero em análise (narrativas autorais). A obra apresenta uma narrativa em que as ilustrações se apresentam como imagens mais objetivas, com traços figurativos, planejados e estereotipados, que permitem reconhecer com clareza os indígenas – como se vê, por exemplo, na capa, e em ilustrações como as em que aparecem a menina e a mãe (p. 6); ou ainda a em que estão juntos os avós e a menina (p. 36); um homem pobre, o caçador (retratado como negro, pp. 22 e 31, por exemplo). Além disso, os animais e os espaços por onde estes personagens circulam, também são ilustrados de modo figurativo, compondo uma relação coerente, porém limitada, entre ilustração e texto verbal, uma vez que as imagens se restringem a reproduzir o que o texto verbal anuncia, como se nota no início da narrativa: em que a imagem da cena de abertura da narrativa mostra a menina Pena Vermelha, com seu adereço de cabeça, e uma pequena arara no ombro (p. 4), e o narrador a apresenta: “A pequena kunha’i era chamada de Hague Punta, ou Pena Vermelha, como fora apelidada na escola pelas crianças não indígenas, tudo porque não tirava da cabeça a tiara que ganhara da sua avó. O enfeite era feito de penas da arara vermelha, ave que a menina considerava a mais bonita de todas.” (p. 5). A técnica de ilustração empregada parece ser a de pintura, que, em alguns momentos, parece compor colagens – como se vê, por exemplo, nas ilustrações: do caçador e menina andando juntos, com a floresta ao fundo, e suas figuras parecem de recortes sobre o fundo pintado (p. 24) e das figuras do avô, da avó e da menina (p. 36); além de repetirem ilustrações de outras páginas – respectivamente, pp. 34, 30 e 11 – que parecem apenas coladas por cima do fundo azul. É preciso ressaltar que não se percebe criatividade ou inovação nas ilustrações, tampouco possibilidades de extrapolação e enriquecimento do texto verbal – na cena em que a personagem principal destaca a importância da preservação da floresta, os problemas do desmatamento, das queimadas e da poluição dos rios e que seriam necessárias campanhas e leis para restaurar a floresta, a ilustração tem fundo marrom (p. 28) e, na página seguinte, a imagem mostra vários animais fugindo (p. 29). Mais uma vez, a ilustração, embora coerente, não permite ampliar sentidos da narrativa apenas reproduzindo o que está apresentado no texto verbal.

Ocorrências:

Volume	Arquivo	Descrição
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P260102000002-P DF.pdf	31
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P260102000002-P DF.pdf	4-5
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P260102000002-P DF.pdf	31
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P260102000002-P DF.pdf	28-29
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P260102000002-P DF.pdf	6
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P260102000002-P DF.pdf	22
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P260102000002-P DF.pdf	34
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P260102000002-P DF.pdf	6
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P260102000002-P DF.pdf	24

2.5 As ilustrações oferecem referências estéticas que fogem a estereótipos relacionadas à diversidade étnico-racial, de gênero, cultural ou territorial e tem potencial para ampliar o repertório imagético das crianças? (Anexo I, Itens 15.1g, 15.1f, 16.1j)

Parcialmente

Sim

Não

Não se aplica

Justificativa:

As ilustrações não oferecem referências estéticas que fogem a estereótipos relacionados à diversidade étnico-racial, de gênero, cultural ou territorial e não tem potencial para ampliar o repertório imagético das crianças. As ilustrações dos cinco personagens humanos produzem duas estereotipias étnico-raciais: a primeira são as ilustrações de indígenas reduzidos a apenas habitantes das florestas, de modo simplista e homogeneizado, sempre apresentados com adereços cerimoniais, comemorativos ou identitários na cabeça, como pode ser observado em todas as ilustrações da protagonista (pp. 4, 6 e 11), da mãe (p. 8), da avó e do avô (pp. 36 e 44). Tais ilustrações restringem o olhar sobre a potencialidade e riqueza das culturas indígenas. A segunda representação estereotipada é a do o homem negro como potencial antagonista e vilão (pp. 21, 22, 31) – a princípio o caçador é apresentado como antagonista da história, ao atirar na jaguatirica e, depois, essa caracterização se alterará, de forma abrupta e inverossímil, para a conscientização do homem sobre a importância da preservação do habitat dos animais e dos povos originários representados na obra (pp. 39 e 40). Além da imagem, outras desqualificações para o homem negro são sugeridas pelo texto verbal como: atirador violento (p.16), carnívoro, faminto e com o pensamento limitado e ainda apreciador de bebidas alcoólicas – “ – Sei lá... Em pegar muitos bichos, ter bastante carne pra mim, trocar o que sobrar por outros alimentos, vender a pele deles, ganhar uns trocados pra mulher e os filhos... Ir à vendinha também e tomar uns goles de aguardente.” (p. 31). Desta forma, em vez de promover e representar a diversidade, as ilustrações reproduzem representações estereotipadas e estigmatizadas de diferentes populações brasileiras.

Ocorrências:

Volume	Arquivo	Descrição
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P260102000002-P DF.pdf	8
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P260102000002-P DF.pdf	6
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P260102000002-P DF.pdf	36
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P260102000002-P DF.pdf	21
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P260102000002-P DF.pdf	4
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P260102000002-P DF.pdf	11
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P260102000002-P DF.pdf	44
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P260102000002-P DF.pdf	31
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P260102000002-P DF.pdf	16

Bloco 3- Da qualidade do tratamento dado ao tema

3 - Da qualidade do tratamento dado ao tema

3 - Da qualidade do tratamento dado ao tema

3.1 O tema no texto é tratado de maneira complexa, dialógica, provocadora e aberta, deixando pontos de indeterminação para serem preenchidos pelas crianças durante a leitura? (Anexo I, Item 14.2.a)

Sim

Parcialmente

Não

Justificativa:

O tema no texto não é tratado de maneira complexa, dialógica, provocadora e aberta e não deixa pontos de indeterminação para serem preenchidos pelas crianças durante a leitura, dado o tom professoral e informativo que a obra assume, bem como a construção limitada da estrutura narrativa, pautada numa intertextualidade explicitada exaustivamente. Desde o início, o narrador e as falas das personagens repetem a referência direta e simplista ao conto de fadas Chapeuzinho Vermelho – “A pequena kunha’i era chamada de Hague Punta, ou Pena Vermelha, como fora apelidada na escola pelas crianças não indígenas, tudo porque não tirava da cabeça a tiara que ganhara da sua avó. O enfeite era feito de penas da arara vermelha, ave que a menina considerava a mais bonita de todas.” (p. 5) A seguir, o narrador anuncia a ação inicial, que, juntamente ao trecho anterior, retoma a conhecida fórmula do enredo do conto de fadas: “Um dia, Para Mirim, mãe da pequena kunha’i, chamou-a e pediu que levasse para a avó adoentada um cesto com biju, tipá, milho, palmito, batata-doce e mandioca. A cunhatã logo se colocou em prontidão para ir.” (p. 7). E, ao introduzir o antagonista, a obra insere na fala do próprio caçador a referência explícita ao conto: “ — Hum... — pensou o caçador – Eu já conheço essa história: uma menina, uma fera, uma avó e um caçador – e riu consigo mesmo.” (p. 31). Tal retomada insistente da relação intertextual parece limitar as possibilidades de construção de uma narrativa aberta e dialógica, marcando, desde o início, a previsibilidade e não possibilitando aberturas para interação do leitor com a obra. Além disso, o tom didatizante que o texto assume em vários momentos esvaziam a literariedade da obra – “Pena Vermelha disse que seria preciso que todos fizessem um esforço para restaurar o equilíbrio. Era necessário parar o desmatamento, os incêndios provocados e a poluição dos rios. Algumas autoridades não indígenas precisariam fazer leis e outras criarem campanhas educativas. Seria necessária uma boa fiscalização também.” (p. 28). Nota-se, nesse trecho, um discurso de tom professoral e simplista – que também é inverossímil em relação à personagem e ao contexto apresentado pela narrativa: uma criança que encontra um caçador. Além disso, pode-se perceber um certo viés proselitista, uma vez que o texto parece querer ensinar sobre a preservação da floresta, destacando o que é certo e errado. Outra cena em que se percebe essa explicação excessiva e que inviabiliza espaços de indeterminação ocorre logo que a garota encontra a jaguatirica: “Pena Vermelha logo chamou por Nhanderu Tupã, pedindo ajuda. Não era normal aquele animal estar ali, naquela hora do dia. Certamente, o desmatamento promovido pelos juruá – pessoas não indígenas – e a destruição de partes da mata obrigava os animais a mudarem de hábitos, irem aonde não iam, em horas impróprias, para buscarem alimento e, às vezes, apenas encontrarem a morte.” (p. 13).

A explicação excessiva sobre desmatamento e seus efeitos para os animais limita as possibilidades de questionamento e hipóteses. Percebe-se, portanto, no texto, a preocupação em prescrever atitudes de preservação com a floresta, repetindo clichês e fórmulas conhecidas, sem possibilitar aprofundamento ou interpretações mais abertas – “João abaixou a cabeça para que ninguém visse seus olhos cheios de lágrimas. Lembrou que seu avô falava que o pai dele era filho de uma indígena e de um português, apesar de nunca ter ido a uma aldeia nem ter aprendido os costumes, lá, no fundo de sua alma, havia um chamado. Uma curiosidade, uma atração por aquele mundo que ele não conhecia, pois perdera contato com sua ancestralidade. Mas sentia com se seu ser estivesse incompleto. Ele sentiu-se em paz, pela primeira vez ali, naquela casa simples de barro, bambu e folhas, que continha somente o necessário.” (p. 41). Assim, o texto se desvia da função literária e a construção ficcional fica em segundo plano. Nota-se, portanto, que a obra não oportuniza abertura interpretativa para o leitor, limitando possibilidades de apreciação estética e participação criativa na leitura.

Ocorrências:

Volume	Arquivo	Descrição
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P260102000002-P DF.pdf	13
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P260102000002-P DF.pdf	5
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P260102000002-P DF.pdf	41
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P260102000002-P DF.pdf	21
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P260102000002-P DF.pdf	7
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P260102000002-P DF.pdf	31
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P260102000002-P DF.pdf	28

3.2 O tema é desenvolvido de forma criativa e em interlocução com recursos narrativos, poéticos e/ou imagéticos? (Anexo I, Item 14.2)

Sim

Parcialmente

Não

Justificativa:

O tema não é desenvolvido de forma criativa e tem interlocução limitada com recursos narrativos e imagéticos. Desde o início, a obra apresenta um enredo previsível, dadas as reiteradas referências à relação intertextual com o conto de fadas "Chapeuzinho Vermelho". Logo no início da narrativa, quando a protagonista é apresentada, lê-se: "A pequena kunha' i era chamada de Hague Punta, ou Pena Vermelha, como fora apelidada na escola pelas crianças não indígenas, tudo porque não tirava da cabeça a tiara que ganhara da sua avó. O enfeite era feito de penas da arara vermelha, ave que a menina considerava a mais bonita de todas." (p. 5). Esse registro demonstra um processo de estereotipia na representação da identidade indígena, ligada ao uso de penas de animal na cor exata da referência utilizada para o tecido intertextual. A seguir, o narrador anuncia a ação inicial, que, juntamente ao trecho anterior, retoma a conhecida fórmula do enredo do conto de fadas: "Um dia, Para Mirim, mãe da pequena kunha'i, chamou-a e pediu que levasse para a avó adoentada um cesto com biju, tipá, milho, palmito, batata-doce e mandioca. A cunhatã logo se colocou em prontidão para ir." (p. 7). No entanto, ao se dar o encontro com a avó, a continuidade para a verossimilhança da narrativa não se concretiza – a avó não é apresentada como uma mulher adoentada. E o próprio caçador reconhece a referência explícita ao conto: " — Hum... — pensou o caçador — Eu já conheço essa história: uma menina, uma fera, uma avó e um caçador — e riu consigo mesmo." (p. 21). Essa fala que parece se ancorar no humor e na metalinguagem também se mostra pouco adequada considerando a forma com que o tecido narrativo se organiza, ficando sem elo com a introdução da personagem, seu potencial conhecimento prévio e as intencionalidades narrativas. Assim, a relação intertextual repetida de modo explícito limita a narrativa e torna previsível e pouco criativa a substituição de elementos – Pena Vermelha equivale a Chapeuzinho (p. 5 e 7); a jaguatirica substitui o lobo (p. 10) e também aparece um caçador (pp. 16 e 17). Após o encontro entre a menina e o caçador, Pena Vermelha faz uma espécie de discurso que, prontamente, sensibiliza o homem: " — Que bom! Quero ser guerreira, explicou. Mas uma guerreira sem arma, guerreira Nhêe, da palavra, quero defender a floresta. Palavras têm espírito! Elas têm força. Podem até curar. Mas você não entende. Você conhece a lei? Sabe que não pode entrar aqui na reserva sem permissão? E muito menos caçar aqui. Vamos conversar com meu tamõi, meu avô, ele é nosso xeramõi, ou, como vocês entendem, é o pajé e cacique do meu povo. E você também precisa conhecer minha jari. Ela é sábia e poderá dizer se é caso de alegria ou de tristeza você ter deixado a jaguatirica escapar." (p. 25). A partir daí, o homem acompanha a garota, conhece os avós dela e se repetem os discursos sobre defesa da natureza e conscientização sobre preservação e respeito ao meio ambiente (pp. 28 e 38, por exemplo). Assim, a narrativa assume rumos previsíveis e os elementos do texto se limitam a reproduzir ora a história europeia anunciada desde o início como base, ora enunciados de valor didatizante e simplificador – " — Posso deixar essa arma aqui, com o senhor. Não pretendo mais caçar. § — Então, pode vendê-la — disse o pajé. § — Prefiro deixar guardada aqui para ter uma arma a menos no mundo — disse o moço, agradecendo a prosa e o lanche e se despedindo. § — João, você é meu convidado se quiser voltar e conhecer mais sobre a Natureza. § — Obrigado. — O rapaz saiu da oca, pensando no que ia fazer para mudar sua vida." (p. 42). Além disso, observa-se que o texto apresenta poucos recursos de linguagem e de construção. Por exemplo, no início da narrativa, o narrador anuncia: "Um dia, Para Mirim, mãe da pequena kunha'i, chamou-a e pediu que levasse para a avó adoentada um cesto com biju, tipá, milho, palmito, batata-doce e mandioca. § A cunhatã logo se colocou em prontidão para ir. § As duas cantaram e rezaram para pedir a proteção de Nhanderu para a menina entrar na mata em segurança." (p. 7). Nessa cena, não há abertura para extrapolação de sentidos, uma vez que de forma objetiva, clara e rápida, com um sentido único, reduzindo o texto ao plano informativo, sem recursos de elaboração literária. Em outra passagem da narrativa, nota-se também esse esvaziamento dos recursos literários: " Pena Vermelha logo chamou por Nhanderu Tupã, pedindo ajuda. Não era normal aquele animal estar ali, naquela hora do dia. Certamente, o desmatamento promovido pelos juruá — pessoas não indígenas — e a destruição de partes da mata obrigava os animais a mudarem de hábitos, irem aonde não iam, em horas impróprias, para buscarem alimento e, às vezes, apenas encontrarem a morte." (p. 13). Nesse trecho, o texto assume o tom informativo/didatizante e explica o que deve ter acontecido, privando o leitor de elaboração literária ou possibilidades de extrapolação. Assim, é possível indicar que o tema não é desenvolvido de modo criativo: pretende-se ensinar, prescrever comportamentos, de modo direto e simplista, o que limita a experiência estética e as possibilidades de leitura.

Ocorrências:

Volume	Arquivo	Descrição
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	13
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	10
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	28
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	7
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	38
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	25
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	16-17
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	21

3.3 O tema é desenvolvido de forma a não conduzir diretamente a opinião ou o comportamento das crianças? (Anexo I, Item 14.2)

Sim Parcialmente Não

Justificativa:

O tema não é desenvolvido de forma a não conduzir diretamente a opinião ou o comportamento das crianças, pois o enredo da obra e a forma como os assuntos vão sendo apresentados delimitam e determinam opiniões e comportamento dos leitores, uma vez que o texto se reveste de um tom professoral e didatizante – “ — A gente morre aos poucos, quando vai cortando os laços com o que nos rodeia. — falou a menina. — A gente morre de vez, mesmo que continue andando por aí como alma penada, quando se esquece que depende, para estar bem, de cada elemento da Natureza. Parece que ninguém pensa que a Natureza é um ser vivo e tem direitos. Querem mudar curso de rio, represar, fazem queimadas, poluem os rios... É muito triste. § João abaixou a cabeça para que ninguém visse seus olhos cheios de lágrimas. Lembrou que seu avô falava que o pai dele era filho de uma indígena e de um português, apesar de nunca ter ido a uma aldeia nem ter aprendido os costumes, lá, no fundo de sua alma, havia um chamado. Uma curiosidade, uma atração por aquele mundo que ele não conhecia, pois perdera contato com sua ancestralidade. Mas sentia como se seu ser estivesse incompleto. Ele sentiu-se em paz, pela primeira vez ali, naquela casa simples de barro, bambu e folhas, que continha somente o necessário.” (p. 41). Assim, embora a obra apresente uma temática relevante capaz de promover reflexões às crianças da pré-escola sobre si, o outro e o mundo, a arquitetura textual opta por uma abordagem que não possibilita abertura produtiva e espaços de diálogo efetivo, porque a perspectiva do narrador e das personagens é transmissiva e de verdades definitivas – “Pena Vermelha logo chamou por Nhanderu Tupã, pedindo ajuda. Não era normal aquele animal estar ali, naquela hora do dia. Certamente, o desmatamento promovido pelos juruá – pessoas não indígenas – e a destruição de partes da mata obrigava os animais a mudarem de hábitos, irem aonde não iam, em horas impróprias, para buscarem alimento e, às vezes, apenas encontrarem a morte.” (p. 13). O narrador e a menina parecem adivinhar tudo e antecipam e explicam ao leitor os motivos de o animal estar ali e se encontrar com a garota, limitando hipóteses e reflexões que poderiam surgir de um texto menos didático e com mais uso de recursos literários, como a indeterminação e a construção mais complexa de personagens. Essa simplificação é percebida também no encontro entre Pena Vermelha e o caçador em que, após a jaguatirica ir embora, a garota explica ao homem que o animal estava ali por causa do desmatamento, das ações do homem com a natureza: “ — Ela estava faminta. Se me matasse seria para se alimentar e viver. Mas acho que preferiu uma presa maior. Está difícil encontrar alimento na floresta. Vocês, homens da cidade, estão derrubando tudo. As árvores estão mortas, os animais estão ficando sem ter para onde ir, sem ter o que comer. Os bichos perdem as tocas, os passarinhos ficam sem os ninhos.” (p. 19) O discurso da menina revela tom informativo e didatizante, impondo um ponto de vista que, ainda que seja válido, parece ser o único a ser considerado, invalidando, por exemplo, as justificativas do caçador. Também se nota esse tom didatizante e professoral quando a menina diz ao caçador: “Mas você não entende. Você conhece a lei? Sabe que não pode entrar aqui na reserva sem permissão? E muito menos caçar aqui. Vamos conversar com meu tamöi, meu avô, ele é nosso xeramöi, ou, como vocês entendem, é o pajé e cacique do meu povo. E você também precisa conhecer minha jari. Ela é sábia e poderá dizer se é caso de alegria ou de tristeza você ter deixado a jaguatirica escapar.” (p. 25). O texto parece querer explicar e justificar todas as ações, desde o surgimento da jaguatirica até condenar a ação do caçador, sem abrir espaço para o contraditório e direcionando o olhar dos leitores, revestindo o texto de viés proselitista e simplista, tanto em relação às atitudes dos não indígenas quanto as do caçador, bem como sobre os comportamentos indígenas - reproduzidos de modo clichês e redutor - por exemplo, quando o pajé diz: “ — Todos trabalhamos. — apartou o pajé — Já estou velho e cansado, mas continuo cuidando das roças de milho, de mandioca... E cumprindo meu papel de pajé para meu povo guarani. Ganho o quê? As pessoas de fora, que me procuram para conselhos ou para remédios naturais, trazem alimentos ou uns trocados. Ganho o que podem oferecer. Um pescado, um naco de carne de anta, um palmito... E, a cada dia, ganho mais conhecimento.” (p. 35). Essa representação redutora sobre os indígenas, reforçada pelas imagens que se repetem e sempre mostram as personagens com adornos (p. 36), conduz o olhar do leitor e limita sua compreensão sobre o tema e as questões por ele suscitadas.

Ocorrências:

Volume	Arquivo	Descrição
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P260102000002-P DF.pdf	41
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P260102000002-P DF.pdf	25
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P260102000002-P DF.pdf	13
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P260102000002-P DF.pdf	19
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P260102000002-P DF.pdf	36
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P260102000002-P DF.pdf	35

3.4 A obra amplia as referências estéticas, culturais e éticas das crianças e oferece elementos para elas refletirem sobre a realidade, sobre si mesmas e sobre o outro? (Anexo I, Item 14.2)

Sim

Parcialmente

Não

Justificativa:

A obra não amplia as referências estéticas, culturais e éticas das crianças e não oferece, elementos para elas refletirem sobre a realidade, sobre si mesmas e sobre o outro. Embora a obra tenha como protagonista uma garota indígena, seus avós e suas vivências, sugerindo temáticas relevantes sobre os povos indígenas e a preservação das matas e florestas, a narrativa simplista, com limitada elaboração literária restringe as possibilidades de ampliação de repertórios, referências e reflexões sobre si e o outro. Por exemplo, desde o início da narrativa, tanto a ilustração quanto o texto verbal oferecem uma perspectiva simplista e homogeneizante sobre as pessoas indígenas: "A pequena kunha' i era chamada de Hague Punta, ou Pena Vermelha, como fora apelidada na escola pelas crianças não indígenas, tudo porque não tirava da cabeça a tiara que ganhara da sua avó. O enfeite era feito de penas da arara vermelha, ave que a menina considerava a mais bonita de todas." (p. 5) A ilustração apresenta a menina e a mãe em atitude ritualística, de oração (p. 6). Ao longo da obra, esse tipo de representação se repete, como se nota, por exemplo, na ilustração em que se apresentam os avós e Pena Vermelha sempre repetindo um estereótipo étnico, restringindo as figuras indígenas a clichês de representação e descrição (p. 36). Isso também pode ser percebido quando o avô da menina diz: "— Todos trabalhamos. — aparteu o pajé — Já estou velho e cansado, mas continuo cuidando das roças de milho, de mandioca... E cumprindo meu papel de pajé para meu povo guarani. Ganho o quê? As pessoas de fora, que me procuram para conselhos ou para remédios naturais, trazem alimentos ou uns trocados. Ganho o que podem oferecer. Um pescado, um naco de carne de anta, um palmito... E, a cada dia, ganho mais conhecimento." (p. 35) A fala do pajé parece reduzir os indígenas ao papel de agricultores limitados, que vivem com pouco (quase insuficiente) e resignados a receber "o que podem oferecer", numa atitude passiva que parece reproduzir um olhar colonialista e eurocentrado. Assim, as referências culturais e éticas fornecidas pela obra se limitam a reproduzir clichês e pouco acrescentam para que o leitor possa refletir sobre si e sobre o mundo. Em relação às referências estéticas, as ilustrações e a narrativa oferecem uma experiência visual e literária restrita e direcionada, que pouco convida o leitor a imaginar e refletir. Isso também se deve ao vocabulário, por vezes, pouco acessível e instigante e que faz uso de formas pouco adequadas à faixa etária, como se pode perceber, por exemplo, quando o narrador anuncia: "Foi quando um estampido cortou o silêncio. Um não indígena armado, que já estava com a jaguatirica na mira, atirara. Errara o tiro. O animal fugiu, correndo, desaparecendo entre as árvores. § — Não mate, a jaguatirica está magra demais! A carne não vai saciar sua fome! – gritou Pena Vermelha. § — Ora, menina, não ia comer a onça não! § — Então por que matá-la? — questionou Pena Vermelha. E não é onça, é jaguatirica!" (p. 17). Nesse trecho, várias escolhas lexicais podem oferecer dificuldade ao leitor, como "estampido" e "saciar", além de verbos no pretérito mais que perfeito, tempo verbal pouco usual mesmo em situações formais - "atirara", "errara" - assim, em vez de proporcionar ampliação de repertórios, o texto restringe sentidos, ao se constituir com termos e escolhas que se distanciam dos universos imaginativos infantis. Na cena em que João e Pena Vermelha chegam à casa dos avós da menina, também é notável o discurso pouco verossímil à personagem, com tom didatizante e excessivamente informativo, mostrando-se como outra formulação inadequada para a faixa etária: "Pena Vermelha disse que seria preciso que todos fizessem um esforço para restaurar o equilíbrio. Era necessário parar o desmatamento, os incêndios provocados e a poluição dos rios. Algumas autoridades não indígenas precisariam fazer leis e outras criarem campanhas educativas. Seria necessária uma boa fiscalização também." (p. 28). Além disso, nota-se, em vários momentos do texto, a necessidade de um esforço que não é pertinente à faixa etária para que os leitores compreendam o texto e a linguagem usada, dadas as escolhas lexicais e combinações entre termos, além das frágeis relações de verossimilhança. Assim, devido às limitações na construção do enredo e à linguagem de tom didatizante, a obra não oportuniza de forma adequada reflexão sobre culturas indígenas e questões éticas e culturais. Ao final da narrativa, por exemplo, o caçador entrega sua arma para o pajé e diz que não vai mais caçar, depois de refletir sobre o meio ambiente, convencido a partir das falas de Pena Vermelha (p. 42). Ainda que tenha o germen de uma importante questão ética pessoal e social (no caso, a exploração do meio ambiente x subsistência), a narrativa simplista limita possibilidades de abertura e de ampliação de referenciais, ao apresentar saídas fáceis e resolver todos os problemas propostos no enredo.

Ocorrências:

Volume	Arquivo	Descrição
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	17
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	36
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	28
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	35
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	5-6
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	42

3.5 A obra respeita os direitos humanos, evitando perspectivas preconceituosas, racistas, sexistas, capacitistas, isto é, respeita a diversidade nas suas múltiplas dimensões?

Sim

Não

Justificativa:

A obra não evita perspectivas preconceituosas, isto é, não respeita a diversidade nas suas múltiplas dimensões. O tratamento dado aos personagens pelo texto verbal e pelas imagens reproduzem estereótipos e favorecem a ênfase a perspectivas preconceituosas. Isso é notável, primeiramente, pelas ilustrações dos cinco personagens humanos, que reproduzem estereótipias étnico-raciais. Primeiramente, os indígenas são descritos e representados como apenas habitantes das florestas, e o tempo todo com adereços cerimoniais, comemorativos ou identitários na cabeça mesmo em situações cotidianas - como se nota, por exemplo, no início da narrativa, em que tanto na imagem, que mostra a menina e sua mãe adornadas com penas e com traços figurativos bastante clichês (p 5), quanto no texto verbal em que se lê:

"A pequena kunha' i era chamada de Hague Punta, ou Pena Vermelha, como fora apelidada na escola pelas crianças não indígenas, tudo porque não tirava da cabeça a tiara que ganhara da sua avó. O enfeite era feito de penas da arara vermelha, ave que a menina considerava a mais bonita de todas." (p. 6) constroem uma figuração pejorativa e estereotipada da população indígena a partir de traços arraigados culturalmente como expressivos dessa população. A descrição textual e imagética é simplista e reduz os indígenas ao papel de pessoas que vivem em harmonia absoluta com a natureza, como se fossem "guardiões místicos da floresta" - discurso reforçado alguns momentos da obra - "Pena Vermelha disse que seria preciso que todos fizessem um esforço para restaurar o equilíbrio. Era necessário parar o desmatamento, os incêndios provocados e a poluição dos rios. Algumas autoridades não indígenas precisariam fazer leis e outras criarem campanhas educativas. Seria necessária uma boa fiscalização também. § E o pajé disse: § — Todos, unidos, com o espírito de defender e preservar a Natureza, porque... § — Todos nós somos um! — exclamou a menina. § O avô, orgulhoso da neta, soltou uma longa baforada do seu petyngua, um grande cachimbo. Ela estava se tornando uma verdadeira xondara, uma guerreira. § — O moço estava mesmo com tanta fome quanto a jaguatirica perdida — comentou, meio fraquinha, mas mordaz, a avó. — Não sobrou nem um grão de milho! — arrematou a anciã. § — Oh, perdão!- disse, ajeitando-se o caçador." (p. 28). Em outras cenas, reforça-se essa imagem estereotipada dos indígenas, pois as representações imagéticas do avô, avó e menina se repetem ao longo do volume (pp. 34, 30 e 11), em desenhos de traços figurativos e um quê caricaturais. A figura do caçador, um homem negro, também reforça traços estereotipados. Essa personagem também apresenta em si características bastante negativas, o que simplifica e reduz a representação tanto de pessoas negras, quanto daqueles que precisam, por algum motivo, usar recursos naturais para sobreviver. Assim, as condições de vida do homem negro caçador são tratadas de forma prescritiva, desqualificadora do modo de vida e trabalho dos homens negros como se fossem escolhas individuais, como se pode notar quando a avó conversa com o homem: "— Certo, amigo João. — continuou a anciã — No que você pensa quando está caçando? — Sei lá... Em pegar muitos bichos, ter bastante carne pra mim, trocar o que sobrar por outros alimentos, vender a pele deles, ganhar uns trocados pra mulher e os filhos... Ir à vendinha também e tomar uns goles de aguardente. § — Só isso? — Sim, senhora." (pp. 30 - 31). Nesse trecho, o caçador é reduzido a um homem que parece uma figura plana e limitada, o que desqualifica sua individualidade e reduz, de maneira simplista, o que poderiam ser tratados como dilemas e questões sociais e culturais mais complexas - por exemplo, a necessidade de pessoas em situação de vulnerabilidade social e econômica, em áreas mais remotas, precisarem ainda hoje caçar para manter sua subsistência. Entretanto, nem o texto nem as imagens permitem esses questionamentos e esse aprofundamento da construção da personagem. Desta forma, a obra não promove um olhar aberto à diversidade e respeito à alteridade, por reforçar representações estereotipadas e estigmatizadoras de diferentes populações brasileiras. Longe de promover a inclusão e demonstrar o acolhimento dos povos originários, o texto verbal e as ilustrações se pautam em características de desqualificação e simplificação de povos indígenas e da população mais pobre e negra.

Ocorrências:

Volume	Arquivo	Descrição
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	30
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	28
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	11
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	5-6
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	34
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	44
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	30-31

Bloco 4 - Da qualidade do projeto gráfico - editorial

4 - Da qualidade do projeto gráfico - editorial

4 - Da qualidade do projeto gráfico - editorial

4.1 A obra apresenta variados recursos gráfico - editoriais, imagéticos e paratextuais e oferece diferentes possibilidades de leitura? (Anexo I, Item 14.4a; 15.1i)

Sim

Parcialmente

Não

Justificativa:

A obra apresenta parcialmente variados recursos gráficos - editoriais, imagéticos e paratextuais e oferece diferentes possibilidades de leitura de modo parcial. Embora a imagem da capa - a personagem principal entre os arbustos da floresta e em meio a borboletas e pássaros - possa despertar a curiosidade do leitor, o texto verbal e o projeto gráfico permitem poucos movimentos diversificados e aprofundados de leitura. A folha de guarda introduz novos elementos - a jaguatirica e a arara -, permitindo novas hipóteses de leitura (p. 1). Na página 2, há as informações sobre edição, editora, direitos autorais e ficha catalográfica. Ao final do texto narrativo, há um posfácio (p. 48 - 50), que apresenta informações contextuais sobre os povos originários apresentados no enredo da obra, de modo a parafrasear e explicar, de modo didatizante, partes da história, como se nota, por exemplo, no trecho: "Hoje, porém a exploração da Natureza pelas pessoas não indígenas é tão perversa que os animais e a própria floresta estão em perigo de extinção, o que pode levar à destruição do planeta em que todos nós, indígenas ou não, vivemos." (p. 50). Esse trecho retoma de modo bastante próximo o diálogo entre a avó indígena e o caçador:

— Imagine que você é lenhador. — continuou a menina — Aí, vê uma árvore enorme. Pensa nas raízes centenárias, na copa verde que limpa o ar, nos macacos que pulam de galho em galho, nos ninhos dos pássaros?

— Claro que não! — disse o moço.

— O lenhador olha para baixo, não olha para cima, só vê o tronco da árvore diante dele! E baba, pensando no lucro! — afirmou Pena Vermelha.

— Já entendi!!! — falou bem alto o caçador — Olhar pro céu de dia e ver o azul sem fim, olhar pro céu noturno e ver milhares de estrelas, olhar ao redor e ver que tudo está vivo, olhar pra vida e ver que tudo está enredado." (p. 38).

Outro diálogo sobre o mesmo tema e com a mesma perspectiva, entre a menina e o caçador, também é retomado pelo Posfácio. Na narrativa, lê-se: " — A gente morre aos poucos, quando vai cortando os laços com o que nos rodeia. — falou a menina. — A gente morre de vez, mesmo que continue andando por aí como alma penada, quando se esquece que depende, para estar bem, de cada elemento da Natureza. Parece que ninguém pensa que a Natureza é um ser vivo e tem direitos. Querem mudar curso de rio, represar, fazem queimadas, poluem os rios... É muito triste. § João abaixou a cabeça para que ninguém visse seus olhos cheios de lágrimas. Lembrou que seu avô falava que o pai dele era filho de uma indígena e de um português, apesar de nunca ter ido a uma aldeia nem ter aprendido os costumes, lá, no fundo de sua alma, havia um chamado. Uma curiosidade, uma atração por aquele mundo que ele não conhecia, pois perdera contato com sua ancestralidade. Mas sentia como se seu ser estivesse incompleto. Ele sentiu-se em paz, pela primeira vez ali, naquela casa simples de barro, bambu e folhas, que continha somente o necessário." (p. 41) E o Posfácio comenta: "As montanhas, as árvores, os rios e os oceanos são seus primeiros ancestrais. Por isso, para eles, a Mãe Terra é sagrada. Essa é a lei primordial, mais do que entendida pelo pensamento, é sentida no fundo do coração. Todos, desde pequenos, aprendem que fazem parte da Natureza e sabem que toda a Natureza faz parte deles. Tudo é Um." (p. 49) Ainda que esse paratexto possa acrescentar alguns dados sobre organização e cultura de povos originários, essa ampliação é limitada e pouco convidativa ao leitor pretendido, tendo em vista o tom professoral e didatizante adotado no texto. Por fim, são apresentados dados biográficos das autoras e da ilustradora (pp. 52 a 55). Embora haja esses elementos paratextuais, as possibilidades de leitura são limitadas e pouco atrativas à faixa etária pretendida. Além disso, os recursos gráficos editoriais como tipografia e diagramação não são adequados à faixa etária da pré-escola. O texto aparece em blocos grandes e não apresenta fonte em tamanho adequado; nota-se o texto em fonte pequena, sem destaque de cor, como se observa desde o início (p. 5), e ao longo de toda a obra (pp. 28, 38, 41). Por exemplo, na cena em que a menina percebe a chegada da jaguatirica (p. 10), ainda que a ilustração forme uma moldura colorida, com folhagens, flores, borboletas e um pássaro, o texto centralizado está em fonte pouco atraente e em um parágrafo bastante longo, o que não se mostra convidativo à faixa etária pretendida (pré-escola). Outra falha do projeto gráfico pode ser notada na página 26, em que há dois blocos de texto (parágrafos), dispostos um no alto da página, o outro, mais abaixo, com um espaço grande entre eles, sem que seja possível notar intencionalidade para o uso desse recurso, uma vez que tal "vão" não tem relação com o texto verbal, com o que é narrado, tampouco com as ilustrações, parecendo uma falha de formatação. Isso prejudica o acabamento estético e pode confundir o leitor. A contracapa apresenta uma síntese do texto e explicita a intertextualidade com a história de "Chapeuzinho Vermelho", limitando e impedindo que o leitor encontre no texto o que poderia ser um elemento-surpresa. Além disso, também na contracapa, menciona-se uma "onça má", o que é uma incoerência, já que, desde a primeira aparição do animal, o texto narrativo especifica uma jaguatirica - correção que a protagonista faz também quando o caçado menciona que não iria comer o animal:

— Não mate, a jaguatirica está magra demais! A carne não vai saciar sua fome! — gritou Pena Vermelha. §

— Ora, menina, não ia comer a onça não! §

— Então por que matá-la? — questionou Pena Vermelha. E não é onça, é jaguatirica!" (p. 17)

Assim, a menção desse texto da quarta capa a uma "onça" mostra incoerência e falta de cuidado com projeto gráfico-editorial, apresentando informações equivocadas e que podem confundir o leitor.

Ocorrências:

Volume	Arquivo	Descrição
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	2
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	49
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	52-55
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	1
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	38
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	48-50
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	41
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	10
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	5-6

4.2 A obra propicia efeitos de sentido criados pela distribuição e pela diagramação da mancha textual e das ilustrações e por outros efeitos visuais que dão acabamento estético? (Anexo I, Item 1.2d)

Sim

Parcialmente

Não

Justificativa:

A obra não propicia efeitos de sentido criados pela distribuição e pela diagramação da mancha textual e das ilustrações e por outros efeitos visuais que dão acabamento estético. Ao longo da obra, a mancha textual sempre se apresenta no meio das páginas, com fonte pequena e tamanho pouco usual para a pré-escola dado a extensão do texto verbal (pp. 5, 7, 10 e 17), repetindo um padrão de formatação e sem acrescentar outros recursos gráficos ou imagéticos que possam potencializar a relação entre texto e ilustração. Destaque-se ainda que, embora a fonte usada esteja em cor de destaque em relação à ilustração (p. 13, em que o texto está escrito em preto, sobre o fundo verde claro; ou p. 17, em que o texto aparece grafado em branco, destacando-se do fundo verde escuro), a legibilidade é bastante limitada para a faixa etária pretendida, porque o tamanho da fonte é pequeno e os blocos textuais, excessivamente grandes, ocupam boa parte da página (pp. 19, 25, 28, 41). A grande quantidade de texto grafado em fonte pequena, sem serifa, se mostra pouco convidativa, portanto, ao leitor pretendido, e dá um acabamento estético bastante elementar e pouco atrativo (pp. 30 – 31). Quanto aos efeitos visuais, a obra apresenta apenas imagens que se limitam a reproduzir o que o texto verbal apresenta. Isso pode ser notado, por exemplo, no início da narrativa em que a ilustração mostra a menina Pena Vermelha, com uma arara no ombro (p. 4); e o texto verbal anuncia:

“ A pequena kunha' i era chamada de Hague Punta, ou Pena Vermelha, como fora apelidada na escola pelas crianças não indígenas, tudo porque não tirava da cabeça a tiara que ganhara da sua avó. O enfeite era feito de penas da arara vermelha, ave que a menina considerava a mais bonita de todas.” (p. 5).

Embora a obra apresente ilustrações em página dupla, isso não contribui para ampliação de sentidos, nem acrescenta elementos imagéticos ou gráficos que convidem o leitor a uma participação mais reflexiva sobre a obra (pp. 12 – 13; 32 – 33). Também se observam essas limitações, por exemplo, quando as ilustrações mostram que a menina e o caçador conversam, reproduzindo o texto verbal: “ — E aonde você ia sozinha no meio da mata? – falou o caçador João, para mudar de assunto. — Visitar minha jari, minha avó. Ela está doente. Minha mãe mandou alimentos para ela.” (p. 20); “ — Hum... — pensou o caçador – Eu já conheço essa história: uma menina, uma fera, uma avó e um caçador – e riu consigo mesmo. Perguntou: § — Como é seu nome?” (p. 21) As imagens não oferecem nenhum outro recurso além de dar concretude visual ao que o texto verbal anuncia, de modo que o acabamento estético pode ser considerado bastante frágil. Outro aspecto que confirma a limitação do projeto gráfico é a repetição de imagens ao longo da obra. Por exemplo, a ilustração da capa e contracapa também compõe o projeto interno (pp. 10 – 11); a ilustração da folha de guarda, que apresenta a menina e a jaguatirica, se repete, respectivamente, na página 4 (com espelhamento) e na página 18. Nas páginas 11, 36 e 44, também se repetem as ilustrações que representam Pena Vermelha. E, nas páginas 34 e 36, observa-se que a imagem do avô é a mesma, havendo apenas mudança no fundo em que está inserida (na página 34, o cenário mostra a floresta, e, na página 36, vê-se o céu azul preenchendo o fundo da página). Com a representação da avó, acontece o mesmo: as imagens das páginas 30 e 36 são idênticas, havendo apenas alteração do cenário ao fundo. Desse modo, a experiência estética é prejudicada, pois a repetição das imagens pode sugerir falta de cuidado ou precariedade na elaboração do projeto estético.

Ocorrências:

Volume	Arquivo	Descrição
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	25
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	5
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	20-21
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	19
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	13
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	7
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	30
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	11
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	10
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	17
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	36
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P2601020000002-P DF.pdf	34

Bloco 5 -. Da qualidade da versão da obra em HTML5

5 - Da qualidade da versão da obra em HTML5

5 - Da qualidade da versão da obra em HTML5

5.1 Na versão audiolivro descritivo e/ou narrativo (HTML5), os elementos acrescentados à obra contemplam categoria (pré-escola)? (Anexo I, Item 2.e)

Parcialmente

Sim

Não

Não se aplica

Justificativa:

Na versão audiolivro descritivo e narrativo (HTML5), os elementos acrescentados à obra contemplam parcialmente a categoria (pré-escola), visto que, embora apresente recursos de sonoplastia para a fruição da criança, é longo e pode se mostrar pela extensão da audiodescrição incompatível com o público pretendido. Tal versão se encontra adequada à categoria para a qual foi inscrita, um audiolivro que combina narração do texto verbal (lida por uma voz feminina, da narradora, no início do áudio, que, no intervalo 00:01 - 00:19, anuncia título, autoras, ilustradoras e narradores). A seguir, a partir do minuto 00:20, inicia-se a narração da obra, que apresenta a voz da narradora (minutagem 00:20 a 01:14); a voz da mãe da menina (minutagem 01:15- 01:31); voz de Pena Vermelha (minutagem 03:20 - 03:26); voz do caçador (minutagem 03:29 - 03:32) e vozes do avô (minutagem 07:21 - 07:28) e da avó (minutagem 07:48 - 07:42). Os elementos auditivos acrescentados à obra se adequam à categoria pré-escola, uma vez que os recursos sonoros contemplam diferentes entonações de voz para diferenciar narrador e personagens e também para representar elementos importantes do enredo, como o ruído de folhagens pisadas, indicando a passagem da jaguatirica pela menina (referente ao texto verbal da página 14 e representado como som de fundo no intervalo 02:56 - 02:59) ou o tiro do caçador (referente à página 17 do livro impresso e representado por um barulho de estampido no minuto 03:07). A presença desses recursos sonoros e a alternância de vozes procura enfatizar os turnos de fala dos diferentes personagens, contemplando, portanto, os critérios e o gênero indicado. No entanto, destaque-se que o audiolivro é bastante longo (17:25 minutos) e, assim, pode estar pouco adequado à faixa etária pretendida.

Ocorrências:

Volume	Arquivo	Descrição
HT LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	HTLC0002020423P260102000002_ZIP.zip	00:01 - 00:19
HT LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	HTLC0002020423P260102000002_ZIP.zip	07:21 - 07:28
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P260102000002-PDF.pdf	17
HT LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	HTLC0002020423P260102000002_ZIP.zip	03:20 - 03:26
HT LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	HTLC0002020423P260102000002_ZIP.zip	03:29 - 03:32
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P260102000002-PDF.pdf	14
HT LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	HTLC0002020423P260102000002_ZIP.zip	00:20
HT LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	HTLC0002020423P260102000002_ZIP.zip	01:15- 01:31
HT LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	HTLC0002020423P260102000002_ZIP.zip	03:07
HT LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	HTLC0002020423P260102000002_ZIP.zip	07:48 - 07:42
HT LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	HTLC0002020423P260102000002_ZIP.zip	02:56-02:59
HT LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	HTLC0002020423P260102000002_ZIP.zip	00:20 - 01:14

5.2 A versão audiolivro descritivo e/ou narrativo (HTML5) faz referência à obra relacionada e respeita suas especificidades? (Anexo I, Item 2.3.3)

Parcialmente

Sim

Não

Não se aplica

Justificativa:

A versão audiolivro narrativo (HTML5) faz referência à obra relacionada e respeita suas especificidades. No audiolivro narrativo, a história do livro impresso é lida por diferentes entonações e vozes, para representar a distinção entre narrador e personagens, por exemplo, desde o início, há a narradora, que, no início do áudio, anuncia título da obra, autoras, ilustradoras e narradores (minutagem 00:01 - 00:19). A seguir, inicia-se a narração da obra (minutagem 00:20), que apresenta a voz da narradora (minutagem 00:20 a 01:14); a voz da mãe da menina (minutagem 01:15- 01:31); voz de Pena Vermelha (minutagem 03:20 - 03:26); voz do caçador (minutagem 03:29 - 03:32) e vozes do avô (minutagem intervalo 07:21 - 07:28) e da avó (minutagem 07:48 - 07:42). Além disso, há elementos sonoros acrescentados ao texto verbal e buscam reforçar a dramaticidade e verossimilhança da audionarração: ouvem-se ruídos de fundo relacionados a outros animais (minutagem 02:25 - 02:30), som do tiro (minutagem 03:07), sons de pássaros (minutagem 11:26 - 11:30), por exemplo. Assim, o audiolivro narrativo diferencia vozes de narrador e personagens, respeitando a construção do texto verbal, no que diz respeito à voz narrativa e à representação sonora dos discursos diretos dos personagens, bem como apresenta acréscimos sonoros que reforçam a verossimilhança e coerência do texto do livro impresso.

Ocorrências:

Volume	Arquivo	Descrição
HT LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	HTLC0002020423P260102000002_ZIP.zip	03:29 - 03:32)
HT LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	HTLC0002020423P260102000002_ZIP.zip	00:01 - 00:19
HT LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	HTLC0002020423P260102000002_ZIP.zip	02:25 - 02:30
HT LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	HTLC0002020423P260102000002_ZIP.zip	03:20 - 03:26
HT LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	HTLC0002020423P260102000002_ZIP.zip	07:48 - 07:42
HT LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	HTLC0002020423P260102000002_ZIP.zip	01:15- 01:31
HT LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	HTLC0002020423P260102000002_ZIP.zip	00:20 - 01:14
HT LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	HTLC0002020423P260102000002_ZIP.zip	00:20
HT LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	HTLC0002020423P260102000002_ZIP.zip	03:07
HT LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	HTLC0002020423P260102000002_ZIP.zip	11:26 - 11:30

5.3 A versão audiolivro descritivo e/ou narrativo (HTML5) apresenta recursos lúdicos (como entonação de vozes de personagens etc.)? (Anexo I, Item 2.3.7)

Parcialmente

Sim

Não

Não se aplica

Justificativa:

A versão audiolivro narrativo (HTML5) apresenta recursos lúdicos. Notam-se os seguintes recursos lúdicos acrescentados à narrativa: representação de barulhos e ruídos que ambientam as cenas, como pássaros cantando (minutagem 02:30 - 02:32) ou um chocalho, que remete à surucucu, anunciada no texto (minutagem 01:18 - 01:20); som das folhagens (minutagem 01:08 - 01:10). Além disso, há as diferentes vozes, em entonações também distintas, para descrever e narrar as cenas. Por exemplo, nota-se a voz firme e um quê alegre da narradora (minutagem 01:34 - 01:47), quando se descreve o começo da jornada de Pena Vermelha pela floresta e seus encantamentos com pássaros e borboletas; porém, quando se vai anunciar o surgimento da jaguatirica, a voz da narradora assume um tom mais grave e de suspense (minutagem 01:48 - 0:49). Os diferentes personagens também são representados no audiolivro por diferentes vozes: ouvem-se, com clareza, a voz da mãe da menina (minutagem 01:15- 01:31); a voz de Pena Vermelha (minutagem, intervalo 03:20 - 03:26); a voz do caçador (minutagem, 03:29 - 03:32) e as vozes do avô (minutagem, intervalo 07:21 - 07:28) e da avó (minutagem 07:48 - 07:42).

Ocorrências:

Volume	Arquivo	Descrição
HT LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	HTLC0002020423P260102000002_.ZIP.zip	01:34 - 01:47
HT LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	HTLC0002020423P260102000002_.ZIP.zip	01:48 - 0:49
HT LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	HTLC0002020423P260102000002_.ZIP.zip	01:34 - 01:47
HT LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	HTLC0002020423P260102000002_.ZIP.zip	07:21 - 07:28
HT LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	HTLC0002020423P260102000002_.ZIP.zip	01:18 - 01:20
HT LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	HTLC0002020423P260102000002_.ZIP.zip	01:15- 01:31
HT LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	HTLC0002020423P260102000002_.ZIP.zip	03:29 - 03:32
HT LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	HTLC0002020423P260102000002_.ZIP.zip	01:08 - 01:10
HT LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	HTLC0002020423P260102000002_.ZIP.zip	02:30 - 02:32
HT LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	HTLC0002020423P260102000002_.ZIP.zip	03:20 - 03:26
HT LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	HTLC0002020423P260102000002_.ZIP.zip	07:48 - 07:42

5.4 A versão audiolivro descritivo e/ou narrativo (HTML5) não apresenta vozes robotizadas (exceto se o personagem for um robô)? (Anexo I, Item 2.3.6)

Parcialmente

Sim

Não

Não se aplica

Justificativa:

A versão audiolivro narrativo (HTML5) não apresenta vozes robotizadas. O audiolivro narrativo apresenta a voz de uma mesma narradora para comentários pré-textuais (minutagem 00:01 - 00:19), narração do texto (atuando como voz narradora do enredo, o que se inicia no minuto 00:20) e leitura do Posfácio (intervalo e informações sobre autoras e ilustradora (minutagem 15:20 - 17:22). A voz da narradora apresenta diferentes entonações, de modo a enfatizar seu aspecto humano e refletir sentimentos e reações, como se percebe, ao final da narrativa, quando o tom da voz remete à alegria e ao contentamento pelo "final feliz" e pela comemoração dos indígenas (minutagem 14:42 - 14:49). Além disso, as vozes dos outros personagens também apresentam inflexões tipicamente humanas. Por exemplo, percebe-se um certo tom de surpresa e perplexidade, quando o caçador se vê frente a frente com Pena Vermelha e esta lhe adverte a não matar a jaguatirica (minutagem 03:29 - 03:30) ou ainda o tom mais professoral e de autoridade do avô, com voz mais tremida e fraca (minutagem 09:37 - 10:19). Assim, confirma-se que não há vozes robotizadas no audiolivro narrativo.

Ocorrências:

Volume	Arquivo	Descrição
HT LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	HTLC0002020423P260102000002_ZIP.zip	14:42 - 14:49
HT LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	HTLC0002020423P260102000002_ZIP.zip	03:29 - 03:30
HT LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	HTLC0002020423P260102000002_ZIP.zip	09:37 - 10:19
HT LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	HTLC0002020423P260102000002_ZIP.zip	00:01 - 00:19
HT LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	HTLC0002020423P260102000002_ZIP.zip	00:20
HT LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	HTLC0002020423P260102000002_ZIP.zip	15:20 - 17:22

5.5 A versão audiolivro descritivo e/ou narrativo (HTML5) apresenta qualidade sonora (requisitos de mixagem, equalização e ganho)? (Anexo I, Item 2.3.8a)

Parcialmente

Sim

Não

Não se aplica

Justificativa:

A versão audiolivro narrativo (HTML5) apresenta qualidade sonora (requisitos de mixagem, equalização e ganho). Há diferentes faixas de som: desde o início, no minuto 00:01, ouve-se a voz da narradora apresentando título, autoras, ilustradora, narradores e direção (minutagem 00:01 - 00:19). Quando a narrativa começa, há sons de fundo, reproduzindo barulhos da floresta, como pássaros cantando (minutagem 02:30 - 02:32) ou um chocalho, que remete à surucucu, anunciada no texto (minutagem 01:18 - 01:20); som das folhagens (minutagem 01:08 - 01:10). Além disso, outros recursos que complementam e colaboram para explicitação dos sentidos do texto, como o tiro do caçador (minutagem 03:07), podem ser ouvidos com clareza. A voz da narradora é clara e objetiva, como se nota no início da narrativa (minutagem 00:20 - 00:43), que corresponde à leitura do livro impresso (p. 5). Ao fundo da narração, há ruídos de insetos (como cigarras e grilos ao longe) e passarinhos (minutagem 07:01 - 07:09), mas sem se sobrepor ou atrapalhar a nitidez da audionarração. As vozes das demais personagens também são claras e podem ser ouvidas com nitidez: a voz da mãe da menina (minutagem 01:15-01:31); voz de Pena Vermelha (minutagem 11:03 - 11:19); voz do caçador (minutagem 03:29 - 03:32) e vozes do avô (minutagem 09:37 - 10:19) e da avó (minutagem 07:48 - 07:42).

Ocorrências:

Volume	Arquivo	Descrição
HT LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	HTLC0002020423P260102000002_ZIP.zip	01:18 - 01:20
HT LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	HTLC0002020423P260102000002_ZIP.zip	00:01 - 00:19
HT LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	HTLC0002020423P260102000002_ZIP.zip	09:37 - 10:19
HT LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	HTLC0002020423P260102000002_ZIP.zip	02:30 - 02:32
HT LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	HTLC0002020423P260102000002_ZIP.zip	03:07
HT LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	HTLC0002020423P260102000002_ZIP.zip	01:15- 01:31
HT LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	HTLC0002020423P260102000002_ZIP.zip	07:48 - 07:42
HT LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	HTLC0002020423P260102000002_ZIP.zip	01:08 - 01:10
HT LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	HTLC0002020423P260102000002_ZIP.zip	00:20 - 00:43
HT LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	HTLC0002020423P260102000002_ZIP.zip	03:29 - 03:32
HT LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	HTLC0002020423P260102000002_ZIP.zip	11:03 - 11:19
HT LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	HTLC0002020423P260102000002_ZIP.zip	07:01 - 07:09

5.6 A versão audiolivro descritivo e/ou narrativo (HTML5), em situações da impossibilidade de coincidir os cortes com frases musicais, usa o meio de "fade in" ou "fade out" para não interromper (ou iniciar) bruscamente o fonograma? (Anexo I, Item 2.3.8b)

Parcialmente

Sim

Não

Não se aplica

Justificativa:

A versão audiolivro descritivo (HTML5), em situações da impossibilidade de coincidir os cortes com frases musicais, usa parcialmente o meio de "fade in" ou "fade out" para não interromper (ou iniciar) bruscamente o fonograma. A versão de audiolivro narrativo usa adequadamente os meios fade in e fade out para a transição do volume do som de forma gradual. Pode ser ouvida na mudança da narração dos pré-textuais para o texto (minutagem 00:20) e na breve pausa para o som dos pássaros (minutagem 02:30 - 02:32). Em geral, as transições são suaves, mas poderiam ser mais espaçadas principalmente por ser tratar de uma obra extensa, em que o leitor precisa de pequenas pausas para acompanhar a narrativa, como no minuto 05:29 a 05:30, em que as falas da menina e do caçador ficam muito próximas, sem pausa praticamente. Já no minuto 06:24 a 06:26, há uma pausa com a mediação da narradora, o que ajuda o ouvinte a acompanhar a progressão das ações e mudanças de cena. Ao final, porém, a narrativa é interrompida de modo mais abrupto, sem baixar o som, apenas com um corte do som, como se percebe no minuto 15:19-15:20, em que, logo após o canto dos indígenas, a narradora já entra com as informações sobre as autoras.

Ocorrências:

Volume	Arquivo	Descrição
HT LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	HTLC00002020423P260102000002_ ZIP.zip	05:29 a 05:30
HT LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	HTLC00002020423P260102000002_ ZIP.zip	02:30 - 02:32
HT LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	HTLC00002020423P260102000002_ ZIP.zip	06:24 - 06:26
HT LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	HTLC00002020423P260102000002_ ZIP.zip	15:19-15:20
HT LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	HTLC00002020423P260102000002_ ZIP.zip	00:20

5.7 Na versão do audiolivro descritivo e/ou narrativo (HTML5) do livro de imagem, os acréscimos contextualizam, descrevem e/ ou narram as ilustrações de forma expressiva? (Anexo I, Item 2.3.5)

Parcialmente Sim Não Não se aplica

Justificativa:

Bloco 6 - Da observância da legislação brasileira

6 - Da observância da legislação brasileira

6 - Da observância da legislação brasileira

6.1 A obra respeita os direitos humanos garantidos em documentos legais brasileiros e está isenta de preconceitos, estereótipos, racismo, sexismo, capacitismo, dentre outras discriminações? (Anexo I, Item 12.2)?

Sim Não

Justificativa:

A obra não está isenta de estereótipos. Embora a narrativa traga temáticas relevantes em relação aos povos indígenas, apresenta a cultura indígena e os indivíduos de modo redutor e estereotipado. As ilustrações dos cinco personagens humanos produzem duas estereotipias étnico-raciais. Primeiramente, os indígenas são retratados como apenas habitantes das florestas, e o tempo todo com adereços cerimoniais, comemorativos ou identitários na cabeça mesmo em situações cotidianas (como se vê nas ilustrações das páginas 6 e 8, por exemplo, em que aparecem a menina e a mãe - sendo que esta aparece sozinha na página 8). Tal representação também aparece em ilustrações como as da página 44, em que avô, avó e menina são retratados com traços figurativos e simplistas, que reproduzem clichês imagéticos bastante conhecidos - penas na cabeça, cachimbos sendo fumados, danças ritualísticas em roda). O texto verbal também reforça a estereotipia, como se pode notar - "— Todos trabalhamos. — apartou o pajé — Já estou velho e cansado, mas continuo cuidando das roças de milho, de mandioca... E cumprindo meu papel de pajé para meu povo guarani. Ganho o quê? As pessoas de fora, que me procuram para conselhos ou para remédios naturais, trazem alimentos ou uns trocados. Ganho o que podem oferecer. Um pescado, um naco de carne de anta, um palmito... E, a cada dia, ganho mais conhecimento." (p. 35). Nota-se nessa fala a caracterização indígena por meio do clichê de pessoas que se limitariam a cuidar de roças ou, ainda, que teriam uma atitude passiva e resignada ao aceitar "o que [outros não indígenas] podem oferecer", o que pode sugerir uma posição de submissão e inferioridade em relação a pessoas não indígenas, por exemplo. Tais caracterizações são reforçadas pelas ilustrações que reproduzem imagens que podem ser consideradas estereótipos também, como se vê, por exemplo, nas páginas 8 e 36, em que a mãe, a menina e os avós são apresentados como figuras indefinidas e quase caricaturais, tendo em vista as representações habituais feitas de povos e pessoas indígenas. Também nas páginas 46 e 47, observa-se outra cena de representação simplista e redutora: a menina e seus avós dançam, segurando maracás para entoar um canto sagrado, como forma de agradecimento pelo caçador desistir de caçar, sendo esse momento representado por uma imagem que deixa de ter como fundo a floresta para uma imagem que tem padrões geométricos e cores fortes, de forma a criar efeitos visuais que dão a sensação de movimento e profundidade. Essa ilustração parece remeter a um efeito de hipnose ou fascínio, enfatizando uma romantização excessiva que coloca os povos indígenas apenas como guardiões da natureza ou ainda figuras míticas e que fazem rituais peculiares. Desse modo, o texto e as ilustrações parecem limitar a possibilidade de representatividade plural das culturas indígenas, reduzindo a compreensão sobre quem seriam povos atuais, como vivem, quão diversos são e quais suas contribuições e participações na formação da cultura e sociedade atuais. Além disso, a personagem do caçador também carrega fortes traços estereotipados. Desde sua primeira aparição (p. 21), João, o caçador, é descrito com traços carregados de ideias pejorativas: sugere-se que ele é atirador violento (p.17); ou ainda um carnívoro, faminto e com o pensamento limitado (p. 31), e fica implícita, pela fala do pajé, a ideia de que o caçador seria um agricultor inábil (p. 35). Observa-se ainda que as condições de vida do homem negro caçador são tratadas de forma prescritiva, desqualificadora do modo de vida e trabalho de homens negros como se fossem meras escolhas individuais, como sugere o trecho: " — Certo, amigo João. — continuou a anciã — No que você pensa quando está caçando? § — Sei lá... Em pegar muitos bichos, ter bastante carne pra mim, trocar o que sobrar por outros alimentos, vender a pele deles, ganhar uns trocados pra mulher e os filhos... Ir à vendinha também e tomar uns goles de aguardente. § — Só isso? § — Sim, senhora." (p. 30 – 31). Também no audiolivro, nota-se, na versão da leitura dramatizada, sotaques e entonações estereotipadas que representam as camadas desprivilegiadas da sociedade e podem sugerir o reforço de estigmas sociais. Por exemplo, a voz do pajé é apresentada de modo bastante trêmulo e caricatural, remetendo à interpretação de desenhos animados (minutagem 09:37 - 10:19). Desta forma, a obra em seu conjunto de tema, texto escrito, ilustração e audiolivro, promove várias representações estereotipadas e estigmatizadoras de diferentes populações brasileiras.

Ocorrências:

Volume	Arquivo	Descrição
HT LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	HTLC0002020423P260102000002_ZIP.zip	09:37 - 10:19
HT LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	HTLC0002020423P260102000002_ZIP.zip	46-47
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P260102000002-PDF.pdf	36
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P260102000002-PDF.pdf	30-31
HT LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	HTLC0002020423P260102000002_ZIP.zip	21
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P260102000002-PDF.pdf	35
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P260102000002-PDF.pdf	44
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P260102000002-PDF.pdf	17
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P260102000002-PDF.pdf	35
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P260102000002-PDF.pdf	8
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P260102000002-PDF.pdf	6-8

6.2 A obra está isenta de viés didático, de teor doutrinário, panfletário ou de proselitismo religioso (Anexo I, Item 12.2)?

Sim

Não

Justificativa:

A obra não está isenta de viés didático, de teor doutrinário, panfletário ou de proselitismo religioso. Ao longo do texto escrito da obra, há um forte tom didatizante e proselitista permeando tanto a narração das ações, quanto a descrição dos personagens. Na cena, logo após Pena Vermelha, a protagonista, encontrar a jaguatirica, o narrador explica: "Pena Vermelha logo chamou por Nhanduru Tupã, pedindo ajuda. Não era normal aquele animal estar ali, naquela hora do dia. Certamente, o desmatamento promovido pelos juruá – pessoas não indígenas – e a destruição de partes da mata obrigava os animais a mudarem de hábitos, irem aonde não iam, em horas impróprias, para buscarem alimento e, às vezes, apenas encontrarem a morte." (p. 13). O excesso de explicações – acerca das mudanças ambientais e do comportamento do animal limitam as possibilidades de leitura literária e o texto assume um caráter informativo e descritivo, com uso precário de elementos de literariedade. Além disso, nota-se um caráter didatizante no texto, que pretende "ensinar" e não convidar à fruição estética – " — A gente morre aos poucos, quando vai cortando os laços com o que nos rodeia. — falou a menina. — A gente morre de vez, mesmo que continue andando por aí como alma penada, quando se esquece que depende, para estar bem, de cada elemento da Natureza. Parece que ninguém pensa que a Natureza é um ser vivo e tem direitos. Querem mudar curso de rio, represar, fazem queimadas, poluem os rios... É muito triste. § João abaixou a cabeça para que ninguém visse seus olhos cheios de lágrimas. Lembrou que seu avô falava que o pai dele era filho de uma indígena e de um português, apesar de nunca ter ido a uma aldeia nem ter aprendido os costumes, lá, no fundo de sua alma, havia um chamado. Uma curiosidade, uma atração por aquele mundo que ele não conhecia, pois perdera contato com sua ancestralidade. Mas sentia como se seu ser estivesse incompleto. Ele sentiu-se em paz, pela primeira vez ali, naquela casa simples de barro, bambu e folhas, que continha somente o necessário. (p. 41). Nesse trecho, é perceptível o tom professoral adotado pela personagem principal, incompatível, do ponto de vista de verossimilhança, com uma menina e a forma com que o adulto reage a esse ensinamento. Observa-se mesmo tom didatizante quando a garota leva o caçador para conhecer e conversar com os avós indígenas: "Pena Vermelha disse que seria preciso que todos fizessem um esforço para restaurar o equilíbrio. Era necessário parar o desmatamento, os incêndios provocados e a poluição dos rios. Algumas autoridades não indígenas precisariam fazer leis e outras criarem campanhas educativas. Seria necessária uma boa fiscalização também." (p. 28). Mais uma vez, o caráter proselitista se impõe no texto, numa perspectiva que pretende apresentar situações cotidianas de forma a conscientizar o leitor sobre ações afirmativas para a mudança do status quo. Isso também pode ser notado quando o pajé diz ao caçador: " — Todos trabalhamos. — apartou o pajé — Já estou velho e cansado, mas continuo cuidando das roças de milho, de mandioca... E cumprindo meu papel de pajé para meu povo guarani. Ganho o quê? As pessoas de fora, que me procuram para conselhos ou para remédios naturais, trazem alimentos ou uns trocados. Ganho o que podem oferecer. Um pescado, um naco de carne de anta, um palmito... E, a cada dia, ganho mais conhecimento." (p. 35) A fala do ancião parece querer impor um modo de vida como único válido, desconsiderando as dificuldades e particularidades vividas por outros indivíduos como o caçador, por exemplo. Assim, o texto verbal parece restringir as possibilidades de sentido da obra, indicando um sentido único (o que deve ser aprendido e seguido), sem espaço para as múltiplas interpretações. Desse modo, não favorece a apreciação estética e a valorização das culturas indígenas, mas reforça certos estereótipos, simplificações e usos utilitários da cultura indígena, como na cena em que se apresenta o "ritual" de agradecimentos dos indígenas pelo fato do caçador não mais caçar (pp. 46 – 47). Assim, a obra é esvaziada de qualidades literárias e se reveste de uma preocupação prescritiva e utilitária, com reforço de estereótipos e simplificações.

Ocorrências:

Volume	Arquivo	Descrição
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P260102000002-P DF.pdf	46-47
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P260102000002-P DF.pdf	35
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P260102000002-P DF.pdf	13
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P260102000002-P DF.pdf	41
IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002	IMLC0002020423P260102000002-P DF.pdf	28

BLOCO 7 - Das falhas pontuais

7.1 - Livro da Criança Impresso

Volume: IM LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002

Arquivo: IMLC0002020423P260102000002-PDF.pdf	
Local da falha: 14	Tipo de falha: Correções ortográficas e gramaticais
Descrição: Trecho: "a menina se tratava de um filhote desgarrado." apresenta uso equivocado da verbo e pronome. Tal forma não aceita sujeito.	
Recomendações: Corrigir para: (...) a menina deveria ser um filhote desgarrado.	

7.2- Livro da Criança Digital

Volume: HT LC 000 202 - 0423 P26 01 02 000 002

Arquivo: HTLC0002020423P260102000002_ZIP.zip	
Local da falha: 14	Tipo de falha: Correções ortográficas e gramaticais
Descrição: Trecho: "a menina se tratava de um filhote desgarrado." apresenta uso equivocado da verbo e pronome. Tal forma não aceita sujeito.	
Recomendações: Corrigir para: (...) a menina deveria ser um filhote desgarrado.	

BLOCO 9 - Parecer

BLOCO 9 - Parecer

BLOCO 9 - Parecer

BLOCO 9 - Parecer

Aprovada

Aprovada condicionada à correção de falhas pontuais

Reprovada

Justificativa:

Conforme análise descrita no decorrer deste instrumento avaliativo, a obra está reprovada por não cumprir o previsto pelo Edital de Convocação nº 01/2024 CGPLI – PNLD Educação infantil 2026-2029:

Item 15.1c (Anexo I) - A obra não apresenta um grau de abertura que convida à apreciação estética e à participação criativa na leitura;

15.1d (Anexo I) - A obra não apresenta inventividade na criação de universos reais ou imaginários capazes de favorecer relações com as culturas infantis;

Item, 15.1l (Anexo I) - A obra não apresenta uma linguagem coerente à faixa etária das crianças;

Itens 12.1b, 12.1g, 12.1h, 12.2 (Anexo I) - O texto verbal escrito não foge de estereótipos e não possibilita a ampliação do repertório linguístico das crianças;

Item 16.1h (Anexo I) - A obra não apresenta emprego adequado da variação linguística ao discurso dos personagens nos diferentes contextos;

Itens 14.1b, 15.1j, 16.1j (Anexo I) - A obra não apresenta originalidade (por exemplo, tramas não previsíveis e com efeito surpresa que incentivem a curiosidade e a imaginação);

Itens 14.3, 15.1j (Anexo I) - As ilustrações não possibilitam uma leitura própria, propositiva e criativa para além do texto verbal, sendo um convite à imaginação e criação das crianças;

Itens 15.1g, 15.1f, 16.1j (Anexo I) - As ilustrações não oferecem referências estéticas que fogem a estereótipos relacionadas à diversidade étnico-racial, de gênero, cultural ou territorial e tem potencial para ampliar o repertório imagético das crianças;

Item 14.2.a (Anexo I) - O tema no texto não é tratado de maneira complexa, dialógica, provocadora e aberta, deixando pontos de indeterminação para serem preenchidos pelas crianças durante a leitura;

Item 14.2 (Anexo I) - O tema não é desenvolvido de forma criativa e em interlocução com recursos narrativos e imagéticos;

Item 14.2 (Anexo I) - O tema não é desenvolvido de forma a não conduzir diretamente a opinião ou o comportamento das crianças;

Item 14.2 (Anexo I) - A obra não amplia as referências estéticas, culturais e éticas das crianças e não oferece elementos para elas refletirem sobre a realidade, sobre si mesmas e sobre o outro

A obra não evita perspectivas preconceituosas, isto é, não respeita a diversidade nas suas múltiplas dimensões;

Item 1.2d (Anexo I) - A obra não propicia efeitos de sentido criados pela distribuição e pela diagramação da mancha textual e das ilustrações e por outros efeitos visuais que dão acabamento estético;

Item 12.2 (Anexo I) - A obra não está isenta de preconceitos e estereótipos;

Item 12.2 (Anexo I) - A obra não está isenta de viés didático.

Assinado por ORDÁLIA ALVES DE ALMEIDA - MEMBRO DA COMISSÃO TÉCNICA em 23/11/2025 - 11:32.

Assinado por CLECIO DOS SANTOS BUNZEN JÚNIOR - MEMBRO DA COMISSÃO TÉCNICA em 23/11/2025 - 21:14.